



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Maria Eduarda Oliveira da Silva

**Construções de concernência: retomada e especificação na
articulação textual**

São Gonçalo

2024

Maria Eduarda Oliveira da Silva

Construções de concernência: retomada e especificação na articulação textual



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S586 TESE	Silva, Maria Eduarda Oliveira da. Construções de concernência: retomada e especificação na articulação textual / Maria Eduarda Oliveira da Silva. – 2024. 90f.: il. Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 1. Linguística – Teses. 2. Gramática comparada e geral – Teses. 3. Coesão (Linguística) – Teses I. Wiedemer, Marcos Luiz. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título. CRB/7 - 4994 CDU 801
--------------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Eduarda Oliveira da Silva

Construções de concernência: retomada e especificação na articulação textual

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos

Aprovada em 6 de fevereiro de 2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer (Orientador)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profa. Dra. Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. João Paulo Tavares

Centro de Ciências e Educação Superior do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ)

São Gonçalo

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho, especialmente, a minha mãe, que ao longo da minha trajetória acadêmica - assim como durante toda vida - me incentivou, apoiou e compreendeu. Sem ela, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Antes de toda e qualquer pessoa, gostaria de agradecer a Deus, que, em sua imensa generosidade, permitiu que eu realizasse muitos sonhos, que eu nem imaginava que fossem possíveis. Dentre eles, a conclusão do mestrado.

Além disso, agradeço a minha família pelo incentivo, apoio e auxílio. Gostaria de destacar, principalmente, a minha gratidão a minha mãe, Josefa Isabel de Oliveira Rodrigues, e ao meu marido, Ronaldo Pereira de Azevedo. Sem a compreensão e paciência deles, seria impossível concluir tamanho trabalho.

Também sou extremamente grata ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN) por toda a estrutura oferecida. Desde 2015, a Faculdade de Formação de Professores (FFP), é a minha segunda casa. Tudo que vivenciei e aprendi neste espaço é essencial para que eu tenha me tornado quem sou hoje.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, professor Dr. Marcos Luiz Wiedemer, que desde o início da minha graduação e, até hoje, é um grande incentivador, apoiador e formador. Obrigada por acreditar em mim.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus amigos e colegas de curso, que, por diversas vezes, compreenderam a minha ausência, mas nunca deixaram de expressar o seu apoio e felicidade com os caminhos que trilhei. Além disso, contribuíram de forma essencial na produção do meu trabalho e no meu processo de pesquisa.

RESUMO

SILVA, Maria Eduarda Oliveira da. **Construções de concernência**: retomada e especificação na articulação textual. 2024. 90f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta dissertação tem por objetivo de investigação os contextos de uso da “construção de concernência [no que X a Y]”, que desempenha papel coesivo na malha textual ao desempenhar a função de retomar e especificar um objeto de discurso. Para tanto, analisamos as microconstruções *no que diz respeito a*, *no que se refere a*; *no que tange a* e *no que concerne a*, no português brasileiro. Os dados são extraídos da Amostra Now, do Corpus do Português, considerando o período de 2012 a 2019 e como referencial teórico, adotam-se os pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso. Nossa hipótese de trabalho é que as microconstruções aqui analisadas sejam utilizadas para retomar referentes de enunciados da primeira porção textual e projeto uma especificação desse referente na segunda porção textual. Os resultados gerais apontam que a construção de concernência se dá na retomada de um determinado referente entre as duas porções textuais que envolvem a microconstrução. Essa retomada pode ocorrer de duas formas: (i) retomada todo-parte especificada; e (ii) retomada todo-seleção especificada. Além disso, elas podem ocorrer a partir de duas configurações formais, sendo: *intraoracional*, onde temos a realização da retomada de um termo/ideia em um mesmo período em que as microconstruções são utilizadas, ou *entre* porções textuais, parágrafos diferentes, *interacional*. A construção de concernência: retomada todo-parte especificada, a especificação ocorre ao retomar um elemento anterior e introduzir uma nova informação na segunda parte textual. Os contextos de uso das microconstruções são variados, incluindo retomadas de termos específicos, temas gerais e até mesmo a introdução de informações novas. Já em relação à construção de concernência na forma de retomada todo-seleção especificada, é uma estratégia discursiva para especificar um referente já mencionado na primeira parte do texto, quando há múltiplos referentes na primeira porção textual e é necessário selecionar um específico para retomar na segunda parte. Além disso, a construção de concernência, que envolve a retomada de um referente (X) por meio de outro (Y) para especificá-lo, revela diferentes papéis sintáticos e semânticos atuando nessa construção, bem como a relação de gradiência. O referente retomado e especificado (Y) pode variar desde um lexema até um tópico discursivo, ocorrendo principalmente em parágrafos anteriores. A relação especificadora desempenha um papel na coerção do referente Y, indicando um objeto discursivo. A análise dos contextos de uso destacou também o papel relacional, adjetival, especificador e adverbial da construção. Os resultados também revelam uma predominância das microconstruções nos gêneros notícia e artigo de opinião, o que pode ser atribuído ao caráter argumentativo desses gêneros.

Palavras-chave: construção de concernência; coesão referencial; gramática de construções baseada no uso.

ABSTRACT

SILVA, Maria Eduarda Oliveira da. **Constructions of concern**: resumption and specification in textual articulation. 2024. 90f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This dissertation aims to investigate the contexts of use of the "construction of concern [in what X to Y]", which plays a cohesive role in the textual mesh when performing the function of resuming and specifying an object of discourse. To this end, we analyzed the microconstructions *no que diz respeito a*, *no que se refere a*; *no que tange a* and *no que concerne a*, in Brazilian Portuguese. The data are extracted from the now Sample, from the Portuguese Corpus, considering the period from 2012 to 2019 and as a theoretical reference, the assumptions of the Use-Based Grammar Constructions are adopted. In this working hypothesis, the microconstructions analyzed here are used to resume referents of statements of the first textual portion and project a specification of this referent in the second textual portion. The general results indicate that the construction of concern occurs in the resumption of a certain referent between the two textual portions that involve microconstruction. This resumption can occur in two ways: (i) all-specified-part resumption; and (ii) all-specified-selection resumption. In addition, they can occur from two formal configurations, namely: intra-orational, where we have the resumption of a term/idea in the same period in which the micro-constructions are used, or *between* textual portions, different paragraphs, *interactional*. The construction of concern: resumed all-part specified, the specification occurs by resuming a previous element and introducing new information in the second textual part. The contexts of use of micro-constructions are varied, including the resumption of specific terms, general themes and even the introduction of new information. Regarding the construction of concern in the form of all-selection resumption specified, it is a discursive strategy to specify a referent already mentioned in the first part of the text, when there are multiple referents in the first textual portion and it is necessary to select a specific one to resume in the second part. In addition, the construction of concern, which involves the resumption of a referent (X) through another (Y) to specify it, reveals different syntactic and semantic roles acting in this construction, as well as the gradient relationship. The referent resumed and specified (Y) can vary from a lexeme to a discursive topic, occurring mainly in previous paragraphs. The specifying relationship plays a role in the coercion of referent Y, indicating a discursive object. The analysis of the contexts of use also highlighted the relational, adjectival, specifying and adverbial role of the construction. The results also reveal a predominance of microconstructions in the news and opinion article genres, which can be attributed to the argumentative character of these genres.

Keywords: construction of concern; referential cohesion; use-based grammar constructions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Propriedades da construção de concernência	16
Figura 1 –	Modelo de estrutura simbólica da construção	28
Quadro 2 –	Dimensões da construção	29
Figura 2 –	Hierarquia construcional	31
Figura 3 –	Níveis de esquematicidade construcional	31
Quadro 3 –	Referência textual e referência situacional (mostrativa)	36
Figura 4 –	Mostrativo como retomada do referente	37
Figura 5 –	Pronome relativo na atuação da especificação	39
Quadro 4 –	Graus de dependência e encaixamento	42
Figura 6 –	Visão da página “corpus do português” na rede mundial de internet	44
Figura 7 –	Frequência de usos da Construção de encapsulamento por apontamento	46
Tabela 1 –	Frequência de usos das microconstruções de concernência	48
Quadro 5 –	Retomada intraoracional	50
Quadro 6 –	Retomada interoracional	51
Gráfico 1 –	Configuração (intraoracional/interoracional) da construção de concernência	51
Quadro 7 –	Retomada todo-parte especificada	55
Esquema 1 –	Retomada todo-parte especificada	55
Quadro 8 –	Exemplo todo-parte especificada	56
Quadro 9 –	Exemplo todo e especificação	58
Quadro 10 –	Exemplo todo-especificação e tópico e referência especificadora	60

Quadro 11 –	Exemplo de construção todo-especificação	61
Quadro 12 –	Exemplo de construção todo-parte	62
Quadro 13 –	Exemplo de construção referente e referente selecionado .	64
Quadro 14 –	Retomada todo-seleção especificada	65
Esquema 2 –	Retomada todo-seleção especificada	65
Figura 8 –	Construção de concernência com os referentes especificados	71
Figura 9 –	(a) construção, que é a combinação das diferentes construções em (b)	73
Figura 10 –	Grade de construção para “ <i>She puts her soiled breakfast things into the sink</i> ”	75
Figura 11 –	Grade de construção de concernência	76
Gráfico 2 –	Correlação entre as microconstruções e gênero textual	77
Gráfico 3 –	Correlação entre gêneros textuais por microconstrução	78

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	LÍNGUA, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	20
1.1	A dinamicidade do sistema linguístico	20
1.2	Linguística Funcional Centrada no Uso	22
1.3	A Gramática de Construções;	26
2	REVISÃO DA LITERATURA	35
2.1	O pronome demonstrativo	35
2.2	O pronome relativo “que”	38
2.3	As orações adjetivas	41
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS	44
3.1	Sobre o <i>corpus</i> da análise	44
3.2.	Sobre a construção de concernência e as etapas metodológicas ..	45
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	47
4.1	Caraterização da construção de concernência	47
4.2	Construção de concernência: retomada todo-parte especificada ...	53
4.3	Construção de concernência: retomada todo-seleção especificada	63
4.4	Construção de concernência: gradiência e significação	66
4.5	Construção de concernência e gêneros discursivos	76
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

Como é sabido, é bastante comum nos manuais gramaticais, de maneira geral, categorizar os elementos da língua em classes de palavras, como se estas expressassem características rígidas e imutáveis no uso. Esse fenômeno ocorre, na maioria das vezes, devido à ligação das gramáticas com a tradição filosófica, uma vez que foram os próprios filósofos, especialmente os seguidores de Platão, que refinaram o conceito de classes de palavras (Camacho, 2011). É relevante destacar que, dentro do escopo da gramática tradicional, há uma concepção geral de que existe uma relação intrínseca entre a linguagem e a lógica, fundamentando um esquema universal de linguagem (Martelotta, 2011).

Conforme a tradição gramatical, os elementos da língua devem ser agrupados em classes, levando em consideração suas características morfossintáticas e, em alguns casos, semânticas. De acordo com Basílio (2011, p. 17), tradicionalmente damos “o nome de classes de palavras ou partes do discurso a conjuntos abertos de palavras, definidos a partir de propriedades ou funções semânticas e/ou gramaticais”.

Camacho (2011) aborda a questão da categorialidade, dando ênfase para as principais classes lexicais, como verbo, nome, advérbio e adjetivo. O autor ressalta que as classes de palavras, ao se diferenciarem, estão sujeitas à ambiguidade: as definições nocionais que preenchem as gramáticas tradicionais muitas vezes constituem círculos viciosos, “quando aplicadas a nomes abstratos”, por exemplo (Camacho, 2011, p. 36).

Ao contrário das teorias que vão estudar as classes de palavras submetendo-as à descrição binária, estrutural, com fronteiras rígidas, a abordagem construcionista, adotando o princípio de que a linguagem não é uma faculdade autônoma, mas relacionada com outras competências cognitivas, percebe a classe de palavras como um fenômeno sem limites bem delimitados entre elas próprias. Visão também compartilhada pela abordagem funcionalista: “esse princípio deriva o postulado de que alguns membros de uma categoria compartilham traços comuns que os definem como prototípicos, e outros que não compartilham todos os traços comuns constituem elementos marginais” (Camacho, 2011, p. 43).

O modelo construcionista não desassocia os conceitos de gramática e léxico, já que uma construção compreende diversos níveis linguísticos, daí a noção de *construction*, que inclui “de palavras a padrões entoacionais, passando por esquemas morfológicos, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos” (Pinheiro, 2016, p. 6). Além disso, analisa os fenômenos linguísticos com base no uso da língua em situação concreta de comunicação e passa a assumir a semântica e a pragmática em suas análises.

Essa visão de um *continuum léxico-gramática* e da estabilidade/variação/mudança inerentes à língua se insere à **temática desta pesquisa**, apresentada a seguir:

- (01) “A *delação de Palloçi*, como é de notório conhecimento, foi recusada pelo Ministério Público por ausência de provas. No que tange à delação de Ricardo Saud, e de pessoas vinculadas a JBS, a própria PGR pediu a revogação dos acordos. (...)”

Fonte: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/palocci-delator-relata-r-30-mi-da-jf-para-compra-de-apoio-do-mdb-a-dilma-em-2014>

O exemplo destacado acima, iniciado pela microconstrução [*no que tange a X*] (uma das microconstruções analisadas neste trabalho), conforme se observa, exerce papel de conexão entre as porções textuais apresentadas, adquirindo função de uma locução conjuntiva, características das orações hipotáticas, portanto, inserindo-se no padrão [+conectivo]¹. Assim, auxilia na progressão textual através do papel de retomada do termo “delação”. Além de seu papel sintático, vê-se que a microconstrução desempenha diferentes papéis semântico-discursivos, o que aponta para flexibilidade de definição categorial, algo não previsto nos manuais normativos.

Se observarmos os elementos que compõem o enunciado (01), apenas pela perspectiva da GT, a expressão pode ser classificada como uma oração adjetiva, que funciona como adjunto adnominal de um substantivo, sem uma análise mais aprofundada sobre os efeitos causados com o uso deste tipo de microconstrução.

¹ Adotamos o conceito de conector como palavra ou expressão que conecta, isto é, liga partes de orações, cláusulas, períodos inteiros e, até fragmentos de texto maiores que uma sentença, estabelecendo uma relação semântica ou pragmática entre os elementos ligados, é mais adequado do que simplesmente se utilizar o conceito de conjunção para englobar os itens que promovem a articulação de cláusulas ou porções maiores de texto (Rodrigues, 2018, p. 541).

Seguindo uma perspectiva funcional, essa discrepância entre o uso da linguagem e a gramática normativa ocorre devido à influência de diversos fatores relacionados à sua aplicação na sociedade. Conforme argumentado por Rosário e Oliveira (2016, p. 234), a estrutura da língua é moldada por experiências históricas e cotidianas, resultando de processos cognitivos gerais. Portanto, as normas de uma língua evoluem ao longo do tempo, influenciadas por pressões socioculturais. Em resumo, a língua é um fenômeno dinâmico sujeito à constante evolução, e, por conseguinte, é difícil e muitas vezes desnecessário determinar de forma inquestionável a classificação de vários termos e expressões existentes.

Por conta desta lacuna, nesta dissertação, lançamos mão dos **pressupostos teórico-metodológicos** da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), que abarca um conjunto de teorias linguísticas² que se convergem a partir de princípios fundamentais. Estes incluem a concepção das construções como unidades simbólicas independentes (Goldberg, 2006), a adoção de uma representação uniforme da informação gramatical (Croft, 2001; Fried & Östman, 2004; Goldberg, 2013) e a organização taxonômica das construções na linguagem (Goldberg, 1995; Langacker, 2000; Croft, 2007; Diessel, 2023). Assim, a GCBU procura incorporar, em suas análises, além do significado dos (co)lexemas, também as características relevantes em vários tipos de contextos em que as expressões linguísticas (construções) são utilizadas.

Dessa forma, “os usos linguísticos são resultantes de, pelo menos, três motivações maiores, advindas de diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas. Portanto, investigar a língua sob a ótica dessa perspectiva significa levar em conta marcas das três instâncias referidas, sob o rótulo maior de ‘contexto’”(Oliveira, 2015, p. 22). Assim, mais importante do que as características sintáticas percebidas, entende-se que “no que tange a”, conforme exemplo em (01), desempenha papéis semântico-discursivos, apontando para flexibilidade de definição categorial, algo não previsto nos manuais normativos.

Em resumo, a língua é tratada nesta perspectiva como um “sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluída, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas” (Cunha,

² Ao leitor interessado em explorar diferentes abordagens da Gramática de Construções, recomendamos a leitura de Pinheiro; Soares da Silva & Freitas Junior (2023).

Bispo & Silva, 2013, p. 20). Ou seja, trata-se de um objeto dinâmico, que está em constante modificação, portanto é improvável – e até mesmo desnecessário – determinar, de maneira indiscutível, a classificação dos diversos termos e expressões existentes.

Dessa maneira, considerando a GCBU como base teórica deste trabalho, o **objetivo da pesquisa** é apresentar os resultados da investigação sobre “construção de concernência formada pelo esquema [no que X a Y]”. Para tanto, analisam-se os contextos de usos das microconstruções “*no que diz respeito a*”, “*no que se refere a*”, “*no que tange a*” e “*no que concerne a*”, a partir de dados extraídos do Corpus Now. A partir desse objetivo, temos os seguintes **objetivos específicos**:

- (i) descrever e analisar as microconstruções do esquema [no que X a Y] em dados extraídos da amostra Now, do corpus do Português;
- (ii) analisar, no PB, o comportamento/usos das construções formadas pelo esquema [no que [x] preposição] a partir da análise mista (quantitativa e qualitativa) de ocorrências de usos; e, com isso, explicitar a fluidez nas classes gramaticais, uma espécie de *gradualidade*, na medida em que podem ser inseridas em diferentes categorizações gramaticais a depender do contexto comunicativo em que estão (Neves, 2012, Camacho, 2011).

Conforme já adiantamos, podemos observar que essas microconstruções desempenham papel coesivo na malha textual ao desempenhar a função de retomar e especificar um objeto de discurso. Vejamos outro exemplo, em (02), a seguir.

- (02) “Segundo o presidente da Embratur, esse movimento também impulsionará a geração de emprego e renda. **No que se refere a 2017**, o gestor advertiu que o maior entrave para o setor ainda é a falta de consenso sobre a força do turismo na esfera pública, além da exigência de visto para países que representam baixo risco migratório, a conectividade aérea do País, a deficiência da segurança pública e a barreira do idioma”.

Fonte: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/11/economia/529821-entidades-debatem-politicas-publicas-para-desenvolver-turismo-no-brasil.html

No exemplo (02), ao examinarmos a microconstrução [*no que se refere a*], essas expressões podem ser consideradas locuções prepositivas, adverbiais ou

relatores circunstanciais³, já que introduzem circunstâncias relacionadas a um nome. Neste enunciado, “no que se refere à 2017” introduz um tópico para discussão, que vamos denominar de “referente especificador”, já que, observando sintaticamente, temos uma preposição que estabelece uma relação com o termo seguinte, funcionando como transpositor (conforme Azeredo, 2001), ou como locuções adverbiais, pois expressam circunstâncias de modo, em que é possível perceber o escopo amplo de modificação do enunciado em sua totalidade. Além disso, podemos identificar – conforme já apontamos em (01) –, no exemplo (02) as características dos conectivos textuais, uma vez que a microconstrução destacada estabelece uma relação entre as duas partes do texto, conectando-as em termos de significado/assunto.

Sobre as locuções prepositivas, Costa (2018) demonstrou que essas construções podem instanciar diferentes significados construcionais, que são decorrentes da categorização híbrida dos advérbios preposicionais, que são dependentes do contexto de uso e que são fixados os padrões construcionais [+preposicional], [±preposicional/adverbial] e [+adverbial]. Assim, em contextos de usos mais locativos, a categoria preposicional é focalizada e, em contextos de usos mais abstratos, a categoria adverbial é focalizada. Após avaliar as diferentes possibilidades de usos das construções supracitadas, Costa (2018) denomina essa classe como “advérbios preposicionais”, baseado na definição de Lehmann (2016), em que esse autor designa como elemento cujo significado é baseado em uma região espacial e estabelece uma relação entre o objeto localizado e seu referente, e o advérbio preposicional é uma preposição com um complemento opcional. Este complemento preenche a posição do argumento semântico do advérbio preposicional, e assume que, diferentemente de Lehmann, os advérbios preposicionais são expressões formadas por um advérbio ou locução adverbial seguido de uma preposição, que possuem um significado híbrido (preposição/advérbio), ou seja, além de expressar a localização de uma região espacial entre o objeto localizado e o seu referente, apresenta nuances adverbiais advindas de extensões de significado.

³ Wiedemer e Paiva (2020) defendem uma reinterpretação da “preposição acidental/atípica”, defendendo a denominação “relatores circunstanciais”, já que esta classe gramatical faz “relação tanto entre termos quanto entre orações, mas desencadeiam no elemento subsequente a função circunstancial, todas formando um *continuum* categorial” (p. 106).

Além disso, Costa e Wiedemer (2019) demonstraram que os advérbios preposicionais funcionam como instrumento de transposição, pois, os transpositores introduzem “estruturas que funcionam como modificadores com a mesma distribuição dos sintagmas adjetivos e dos sintagmas adverbiais” (Azeredo, 2001, p. 38). Com isso, tais sintagmas podem ser oracionais ou não oracionais.

Ainda sobre o mesmo assunto, Lucero (2004), Ramos e Silva (2014) defendem que itens de origem preposicional estão se gramaticalizando como conjunções em orações adverbiais reduzidas. Os autores afirmam que, apesar de as gramáticas se referirem às preposições como transpositores, deixam de lado a sua função de conector textual, que é atribuída unicamente às conjunções ou locuções conjuntivas.

Aqui, é perceptível que o fenômeno investigado envolve gradiência e gradualidade, ou seja, as fronteiras entre as categorias (classes) são vagas e imprecisas. Logo, cada microconstrução pode apresentar nuances de uso, a depender das propriedades morfossintáticas e semântico-discursivas, bem como contextuais. Sobre isso, Traugott & Trousdale (2013) apontam que um aspecto da gradiência é que alguns membros de uma categoria são “melhores” do que outros. Esse aspecto se relaciona tanto à representatividade de um exemplar quanto ao grau de pertença na teoria dos protótipos (cf. Wiedemer & Oliveira, 2019).

Voltando ao exemplo (02), a microconstrução inclui a contração “no,” que resulta da fusão da preposição “em” com o artigo definido masculino singular “o”. Conforme Castilho (1993), o artigo definido masculino singular pode ser classificado como um tipo de demonstrativo, uma vez que aponta para algo específico, seja um termo, uma ideia ou um assunto. De acordo com o autor, o artigo definido desempenha uma função contextual e tem uma função semântica fórica, agindo como um elemento dêitico. Essa ideia é apoiada em Lyons (1977), que argumenta que pronomes podem servir tanto para retomar um referente quanto para retomar um conteúdo anteriormente mencionado.

Assim, em (02), o trecho “*esse movimento também impulsionará a geração de emprego e renda*” é retomado pelo mostrativo “o”, ou seja, ao apresentar caráter pronominal demonstrativo, pode atuar como sintagma nominal e exerce a função de anafórica, bem como dêitica. Além disso, o pronome relativo “que” desempenha um papel na correlação entre duas partes do texto, conforme se observa no exemplo. Dessa forma, levando em consideração que, em geral, as frases iniciadas por essas

microconstruções retoma um referente anterior, fornecendo uma especificação desse referente, as microconstruções que foram analisadas exercem a função de adjetivas restritivas, sendo introduzidas por sintagmas preposicionais de conteúdo relacionado.

De acordo com Neves (2000), “os pronomes relativos introduzem uma oração de função adnominal, isto é, uma oração adjetiva” (p. 365). Isto ocorre porque essas palavras ocupam a posição que, normalmente, seria destinada aos termos aos quais se referem. A autora também observa que, no que diz respeito à função dessa classe gramatical, quando um pronome relativo inicia uma oração adjetiva restritiva, as informações fornecidas auxiliam o leitor na identificação de um subconjunto em um conjunto já conhecido. Isso parece estar em conformidade com os dados que estamos analisando.

Por fim, ainda temos a ocorrência da partícula expletiva ou de realce “se”, “que não exerce função gramatical” (Bechara, 2009, p. 597). Abaixo, no quadro (01), resumimos o que discutimos até aqui.

Quadro 1 – Propriedades da construção de concernência

Referente	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronome relativo)	Partícula expletiva	Referência especificadora
<i>esse movimento também impulsionará a geração de emprego e renda</i>	<i>em</i>	<i>O</i>	<i>Que</i>	<i>Se</i>	<i>refere a 2017</i>

Fonte: a autora

Dessa forma, ficou perceptível que – independentemente da microconstrução utilizada – as expressões analisadas retomam, de diferentes maneiras, termos, ideias, assuntos já tratados no texto. Assim, a partir da utilização da microconstrução [no que X a Y], os interlocutores utilizam um recurso coesivo, estabelecendo uma relação de sentido entre diferentes partes de uma mesma produção textual.

Como vimos, a microconstrução analisada apresenta também o pronome relativo “que” e um verbo – seja ele “referir”, “dizer”, “concernir” ou “corresponder”. Dessa forma, tratava-se de um tipo de oração. Ademais, além de conectar duas

porções textuais, percebeu-se que há uma espécie de retomada e especificação de algum termo, ideia ou assunto já trazido no texto. Por isso, as microconstruções analisadas também podem ser consideradas dentro do escopo das orações adjetivas restritivas introduzidas por sintagmas preposicionais de concernência. Este tipo de oração está no grupo das subordinadas, ou seja, elas dependem de uma estrutura frasal mais ampla.

Especificamente se tratando das restritivas, a sua função é modificar ou especificar um substantivo dentro da oração principal. Essas orações, que fornecem informações essenciais para identificar ou delimitar o referente do substantivo, restringem ou limitam o alcance desse substantivo. Dessa forma, as orações adjetivas restritivas são subordinadas porque estão integradas à estrutura da frase principal e não podem ser omitidas sem alterar o significado da frase.

Câmara e Vicente (2016) comentam que esse fenômeno é utilizado para dar ênfase a um tópico na frase. Assim, chegou-se a cogitar que as microconstruções do esquema [no que X a Y] poderiam ser um exemplo de topicalização, já que isso ocorre em exemplos como o apresentado abaixo:

- (03) *“O encerramento do programa é com a peça Pinheiros de Roma, composição de Ottorino Respighi (1879-1936), que se dedica, com grande sucesso, apenas à música instrumental. **No que se refere ao seu estilo de composição**, a peça alinha-se ao pós-romantismo, tendência que agrega compositores que, já em o século 20, dedicavam-se à composição dentro de os padrões de o século 19.*

Fonte: http://correio.rac.com.br/_conteudo/2019/06/entretenimento/844383-encontro-de-conterraneos.html”.

Como é possível observar, este texto – que faz parte dos dados analisados na construção da dissertação – aborda algumas opções de programas de entretenimento. A peça “Pinheiros de Roma” é citada e, depois, inicia-se um período com a microconstrução “no que se refere a”. Nesta frase, o foco recai sobre a questão do “estilo de composição”, uma característica específica referente ao todo, que foi apresentado anteriormente – o espetáculo. No entanto, Câmara e Vicente (2016) apontam que é necessário o deslocamento do sintagma para o início de uma frase, “tratando-se assim de uma inversão” (p. 9). Esta mudança não ocorre nos exemplos estudados. Na verdade, as microconstruções trazem um quadro de referência, que especifica a interpretação do que é informado em seguida. No dado

apresentado, a expressão “no que se refere a” prepara o leitor para que haja uma plena compreensão do comentário que aparece em seguida.

Finalmente, ficou perceptível que – independentemente da microconstrução utilizada – as expressões analisadas retomam, de diferentes maneiras, termos, ideias, assuntos já tratados no texto. Assim, a partir da utilização da construção [no que X a Y], os interlocutores demonstram um recente recurso coesivo, estabelecendo uma relação de sentido entre diferentes partes de uma mesma produção textual.

Nossa **hipótese** de trabalho sustenta que as microconstruções linguísticas examinadas neste estudo desempenham um papel fundamental na retomada de referentes introduzidos na primeira porção textual e na projeção de uma especificação mais detalhada ou refinada desses referentes na segunda porção textual. Em outras palavras, acredita-se que essas estruturas linguísticas funcionam como dispositivos coesivos que conectam partes distintas do texto, permitindo uma transição suave e coerente entre as informações apresentadas. Ao retomar um referente previamente mencionado e, simultaneamente, fornecer informações adicionais ou mais específicas sobre esse referente, as microconstruções contribuem para a coesão e a coerência textuais, facilitando a compreensão e a interpretação do conteúdo por parte do leitor. Essa ideia baseia-se na análise prévia de padrões recorrentes de uso dessas construções em diferentes contextos textuais e na compreensão teórica dos mecanismos linguísticos subjacentes à coesão textual.

A metodologia de pesquisa é de caráter quali-quantitativo, em que se procura evidenciar os contextos de usos de 366 dados extraídos provenientes do banco de dados *Corpus do Português*⁴. Como a intenção não é fazer uma pesquisa histórica sobre uso das microconstruções, utilizou-se a amostra *Now*, que conta com exemplos publicados entre 2012 e 2019.

Feitas essas considerações iniciais, a dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos a base teórica desta pesquisa, que está fundamentada sob o viés da Gramática de Construções Baseada no Uso. Logo após, apresentamos uma revisão da literatura, em que revisitamos os conceitos relativos ao objeto da pesquisa. Posteriormente, apresentamos os procedimentos

⁴ <https://www.corpusdoportugues.org/>

metodológicos e a composição do nosso corpus de análise. Por fim, no quarto capítulo, a análise dos dados coletados. Em seguida, as nossas considerações finais e as referências.

1 LÍNGUA, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Este capítulo é dedicado a apresentar uma revisão dos principais pressupostos teóricos da abordagem do aporte teórico que fundamenta a pesquisa, a Gramática de Construções Baseada no Uso, doravante GCBU, desenvolvida a partir da Linguística Cognitiva. Este modelo teórico defende que a estrutura da língua é formada por construções, definidas como um pareamento de forma e significado. Estas construções são instanciadas no uso e a gramática emerge do uso que falantes reais fazem da língua. Assim, neste capítulo, apresentamos os princípios fundamentais da GCBU.

1.1 A dinamicidade do sistema linguístico

De acordo com Cunha, Bispo e Silva (2013), – baseados em Tomasello (1998) – “a linguagem é um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas estreitamente integrado às demais áreas da psicologia humana” (p. 19). Assim, a depender da interação do ser humano com o meio e com outros indivíduos, surgem novas formas de utilizar a língua. Assim, a dinamicidade do sistema linguístico refere-se à capacidade da linguagem de evoluir, adaptar-se e mudar ao longo do tempo. A linguagem é um fenômeno vivo e em constante transformação, moldada pelas necessidades e experiências dos falantes.

Existem várias razões pelas quais o sistema linguístico é dinâmico, dentre elas, podem-se citar: mudanças sociais e culturais; interação entre os falantes; empréstimos linguísticos; modificações fonéticas e fonológicas; mudanças gramaticais; neologismos. Logo, fica claro que a evolução da linguagem é um processo contínuo e reflete a natureza mutável da sociedade e da cultura. A compreensão dessa dinamicidade é essencial para o estudo da linguística e para a comunicação efetiva em um determinado idioma.

Observando o que fora apontado, percebe-se que a dinamicidade linguística está em contraste com a abordagem da GT, que tende a ser mais prescritiva e

baseada em regras rígidas. Esta perspectiva busca estabelecer normas e padrões fixos para o uso da linguagem, definindo o que é "correto" e "incorreto" de acordo com regras estabelecidas. No entanto, este fenômeno reconhece que a linguagem é moldada pelas práticas e convenções dos falantes, e que essas práticas podem variar em diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

Ao contrário do que se pode imaginar, a abordagem da dinamicidade linguística não nega a importância de padrões gramaticais e regras linguísticas. Porém, ela reconhece que as regras gramaticais não são fixas e imutáveis e que o uso da linguagem pode ser influenciado por fatores sociais, culturais e individuais.

Na visão funcionalista, a dinamicidade da língua é um aspecto fundamental e essencial de análise. Essa abordagem considera a língua como um sistema em constante evolução, moldado pelas interações sociais e pela comunicação diária dos falantes. A dinamicidade é, portanto, entendida como uma característica intrínseca da língua, ou seja, algo natural e benéfico, permitindo que a língua se adapte às necessidades dos usuários e reflita mudanças culturais e sociais.

Ao analisar os textos em que as microconstruções se encontram, busca-se entender como a língua é empregada pelos interlocutores em situações comunicativas diversas. Isto porque o sentido de uma palavra ou construção pode ser influenciado pela situação em que é utilizada, tornando-o dinâmico e contextual.

Diante disso, é evidente que a linguagem é um fenômeno complexo e vivo, em constante transformação. Enquanto a abordagem tradicional da Gramática Tradicional tende a ser mais prescritiva e baseada em regras fixas, a perspectiva da dinamicidade linguística reconhece essa natureza mutável da linguagem, influenciada por fatores sociais, culturais e individuais. Embora não negue a importância dos padrões gramaticais, essa abordagem reconhece a necessidade de considerar a língua como um sistema em constante evolução, moldado pelas interações sociais e pela comunicação diária dos falantes. Portanto, ao analisar os textos e microconstruções linguísticas, é fundamental compreender como a linguagem é empregada em diferentes contextos comunicativos, refletindo sua natureza dinâmica e contextual.

1.2 Linguística Funcional Centrada no Uso

A expressão *Linguística Funcional Centrada no Uso* – ou Linguística Cognitivo Funcional – refere-se à uma vertente que surgiu a partir da convergência das pesquisas de alguns representantes da Linguística Funcional – dentre eles, Joan Bybee, Talmy Givón e Elizabeth Traugott – e da Linguística Cognitiva – como, Adele Goldberg, George Lakoff e Ronald Langacker. A união teórica adquire projeção a partir da década de 1970, quando a língua passa a ser analisada pelo ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. (Furtado Da Cunha; Bispo & Silva, 2013, p. 14).

A principal particularidade da LFCU é que esta teoria considera o contexto linguístico e as ocorrências extralinguísticas no momento de observar a língua. Dessa maneira, entende-se que

o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação.

Assim, – diferentemente das regras e normas estáticas apontadas pela Gramática Tradicional (GT) – a Linguística Funcional Centrada no Uso entende que, à medida que mais discursos se produzem, mais a gramática de uma língua é afetada, já que um é (re)modelado pelo outro (Ford et. al., 2003; Du Bois, 2003).

Ao invés de focar apenas nas regras gramaticais e na estrutura formal da linguagem, essa abordagem linguística investiga como as pessoas usam a linguagem para se comunicar, expressar significado e alcançar objetivos comunicativos específicos. Por isso, a observação e a descrição de dados linguísticos autênticos são centrais para a pesquisa funcional.

Além disso, a LFCU se contrapõe às pesquisas gerativistas que propõem a autonomia da sintaxe e fazem distinção entre o léxico e a gramática. Como resposta à rejeição, analisa os fenômenos linguísticos com base no uso da língua em situação concreta de comunicação e passa a assumir a semântica e a pragmática em suas análises. Além disso, vincula a gramática com o discurso, numa espécie de “simbiose”, para interagirem e se influenciarem mutuamente.

De acordo com a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a gramática é um sistema aberto, suscetível a mudanças e adaptações decorrentes de pressões discursivas. A gramática, “é um fenômeno sociocultural, o que sugere que sua estrutura e regularidade vêm do discurso, sendo moldadas em processo contínuo” (Martelotta, 2011 *apud* Rosário e Wiedemer, 2020). O discurso, portanto, é o ponto de partida para a gramática e seu ponto de chegada. Quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a correr de forma previsível, pode entrar na regularidade da gramática (Givón, 1979b).

Nesse sentido, a formação da gramática acontece por meio da “rotinização de agrupamentos de palavras do discurso” (Wiedemer e Rosário, 2014) e a emergência e regularidades das construções, são analisadas numa dimensão contextual, destacando uma perspectiva holística e contingencial da interação verbal.

Essa perspectiva é justificada por Himmelman (2004) quando afirma que focar apenas um item pode trazer resultados enganosos, uma vez que um item nunca muda fora do contexto. Dessa maneira, os itens não podem ser analisados isoladamente, mas nas relações contextuais, que englobam fatores linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas, discursivo-pragmáticos). Essa visão contextual ampliou o escopo dos estudos funcionalistas na contemporaneidade ao analisar o entorno das propriedades linguísticas e ao dar um tratamento mais integrado ao binômio forma <> função, numa correlação de direcionalidade e de equilíbrio entre os dois eixos, como veremos mais adiante.

Além disso, as propriedades contextuais possuem forte ligação com os processos cognitivos, tendo em vista que a cognição, derivada de pressões interacionais e de experiência sócio-histórica, é manifestada contextualmente. (Rosário e Oliveira, 2016). Para ilustrar esse aspecto, destacamos o exemplo abaixo:

(04) “Na capital fluminense, a equipe comandada pelo técnico Lionel Scaloni fez um trabalho mais leve, muito **em função da** sequência de jogos que já enfrentou nesta Copa América”. (Copa América, 03/01/22).

Fonte: exemplo extraído do corpus now.

Ao analisar o dado (04), tendo em vista a abordagem teórica da LFCU, não devemos olhar somente a microconstrução “em função de”, de forma isolada, mas

considerar os aspectos formais e funcionais da língua, como o entorno linguístico mais amplo, a sequência tipológica, o efeito pragmático argumentativo, o valor de causa e consequência, entre outros fatores. É necessário identificar as motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas que implicam o uso de determinado padrão de maneira global.

De acordo com Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), o entorno linguístico inclui a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica, a inferência pragmática, a modalidade (escrita/falada) e ainda as propriedades mais amplas, como as sociolinguísticas (perfil dos interlocutores, tempo e espaço da interação) e as discursivas (sequência tipológica, gênero discursivo) (Rosário e Oliveira, 2016).

Essa análise teórico-metodológica se dá pela apropriação de conceitos e ideias da Linguística Cognitiva, como categorização e processos cognitivos de domínio geral, postulados por Bybee (2010). Ganham destaque as contribuições de Fillmore (1988), Goldberg (1995), Croft (2001), Langacker (2008) e Traugott, Trousdale (2013). Assim, a linguística cognitiva influenciou significativamente a Linguística funcional, para se relacionarem como um “casamento teórico” (Wiedemer e Rosário, 2014, p.5).

Dentro dessa abordagem, a organização conceptual e os aspectos ligados ao processamento linguístico, sobretudo os relacionados à experiência humana, são responsáveis pela emergência e regularidade de novas construções, que podem ser constantemente alteradas, por meio de eventos de uso.

Dessa maneira, as unidades linguísticas são vistas como rotinas cognitivas e novos padrões são criados em decorrência da experiência entre os falantes e pela ativação mental. Há, portanto, uma interconexão entre o sistema linguístico e os outros domínios da cognição humana (Bybee, 2010 apud Oliveira, 2016).

Nesse contexto, a preocupação da linguística cognitiva representa o Compromisso de Generalização (Lakoff, 1990) ao investigar abertamente como os vários aspectos do conhecimento linguístico emergem de um conjunto comum de habilidades cognitivas humanas sobre as quais se baseiam, em vez de assumir que são módulos encapsulados da mente (Evens, Bergen e Zinken, 2007, p. 3-4). Além disso, também assume o Compromisso Cognitivo (Lakoff, 1990) de relacionar a mente e o cérebro com outras disciplinas, como a neurologia e a psicologia. Dessa forma, “é esse compromisso que torna cognitiva a linguística cognitiva e, portanto,

uma abordagem de natureza fundamentalmente interdisciplinar” (Evens, Bergen e Zinken, 2007, p. 4).

Um aspecto relacionado às habilidades cognitivas de percepção e atenção é o princípio psicológico de figura e fundo, cuja formulação original se deve à Gestalt. Segundo esse princípio, as entidades que aparecem em primeiro plano e percebidas com mais nitidez e saliência são compreendidas como figura, enquanto as menos aparentes, fundo. Givón (1995) apresenta essa relação no plano discursivo e na organização estrutural do texto na medida em que há o elemento marcado e menos frequente e o elemento não marcado.

Vejamos um exemplo no dado (05):

- (05) *“Apesar das conquistas recentes, o treinador já estava balançando no cargo em razão da má campanha feita no Brasileirão. Com uma vitória, três empates e cinco derrotas, o CSA está na vice-lanterna”.*

Fonte: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/marcelo-cabo-e-demitido-do-cargo-de-technico-no-csa-apos-perder-amistoso-no-recife/>

Nota-se que a má campanha feita no Brasileirão é a causa para o fato do treinador já estar balançando no cargo. Sendo assim, a primeira oração se destaca pelo foco com que se apresenta, sendo figura, pois tem maior relevo perceptual. A segunda oração, por trazer a circunstância, representa o fundo, caracterizando o elemento menos marcado e de menor saliência.

É importante ressaltar que a Linguística Funcional Centrada no Uso se distingue pelo destaque que dá aos contextos reais de comunicação e pela frequência de uso. Considera que o uso é responsável pela mudança linguística e tem como principal objetivo descrever o inventário de construções da língua.

Ao contrário das abordagens tradicionais, que se concentram em regras gramaticais estáticas, a LFCU reconhece a interação complexa entre discurso e gramática, enfatizando como ambos se influenciam mutuamente. Essa perspectiva, baseada na análise de dados linguísticos autênticos, permite uma compreensão mais profunda da língua, considerando não apenas sua estrutura formal, mas também seu uso contextualizado e suas relações com a cognição humana. Ao adotar uma visão holística e contingencial da interação verbal, a LFCU amplia o escopo dos estudos linguísticos contemporâneos, destacando a importância de investigar os contextos sociais, culturais e cognitivos que moldam a linguagem.

1.3 A Gramática de Construções

De acordo com Rosário (2015, p. 41), a Gramática das Construções possui as seguintes características:

- forma e significado são pareados como iguais;
- a gramática é concebida de forma holística, ou seja, nenhum nível é central;
- a gramática é baseada no uso, isto é, está baseada nos falantes e nas experiências e vivências;
- construções individuais são independentes, mas relacionadas em um sistema hierárquico com vários níveis de esquematicidade que podem interseccionar;
- existe um cline de fenômenos gramaticais, desde o totalmente geral ao totalmente idiossincrático.

Em vez de analisar a língua em termos de palavras isoladas ou estruturas frasais, a GC examina as unidades maiores, chamadas de construções, que podem ser entendidas como padrões de organização gramatical que possuem propriedades semânticas, sintáticas e pragmáticas específicas. Elas representam unidades linguísticas em que as palavras se combinam para formar uma estrutura com significado e função particular.

A Gramática de Construções tem várias aplicações e contribuições significativas para o estudo da linguagem: descrição linguística (permitindo análise mais precisa das unidades gramaticais e suas propriedades, já que leva em conta tanto a forma quanto a função); variação linguística (é útil para analisar a variação linguística, pois reconhece que as construções podem variar em diferentes contextos sociais, regionais e estilísticos) etc.

De acordo com Goldberg (1995), *construções* são correspondências de forma-significado que funcionam como unidades básicas da língua. O pareamento forma e significado independe do significado das partes que a compõem. A autora define construção da seguinte maneira:

C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se C é um pareamento forma/significado < F S>, de modo que algum aspecto de F ou do S não é estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de

outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p. 4).⁵

Essa formulação evoca uma imagem segundo a qual uma construção é uma entidade de duas faces, mais ou menos como uma moeda ou folha de papel, que corresponde às informações entre a forma e o significado (Pinheiro, 2016).

Em 2006, Goldberg amplia o conceito de construção em sua obra *“Constructions at work”*:

Todos os níveis da análise gramatical envolvem construções: pareamentos de forma com função semântica ou pragmática que são aprendidos, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões oracionais parcialmente ou totalmente preenchidos. (GOLDBERG, 2006, p. 5).⁶

De acordo com a autora, a *construção* se aplica a qualquer estrutura gramatical, incluindo tanto sua forma quanto seu significado. Nesse sentido, “qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes” (Goldberg, 2003, p. 219)⁷. Em outras palavras, tudo na língua é considerado construção, desde morfemas a construções mais complexas.

Vale destacar que as construções são abstrações que se instanciam no uso linguístico por meio de ocorrências específicas, os constructos. Logo, uma construção é uma generalização com base em constructos do mesmo tipo (Furtado Da Cunha e Lacerda, 2017).

Outra importante contribuição de Goldberg (1995) é a organização das construções em rede, numa estrutura taxonômica. A ideia de rede reflete o fato de que a língua é um sistema de entidades interconectadas por nós e elos, sendo organizada por níveis: dos mais gerais para os mais específicos. Nessa estrutura hierárquica, há a relação de herança, de modo que as construções de nível mais

⁵ Cf. original: is a construction if, C is a form-meaning pair such that some aspect of F, or some aspect of S, is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.” (GOLDBERG, 1995, p. 4).

⁶ Cf. original: “All levels of grammatical analysis involve constructions: learned pairings of form with semantic or discourse function, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

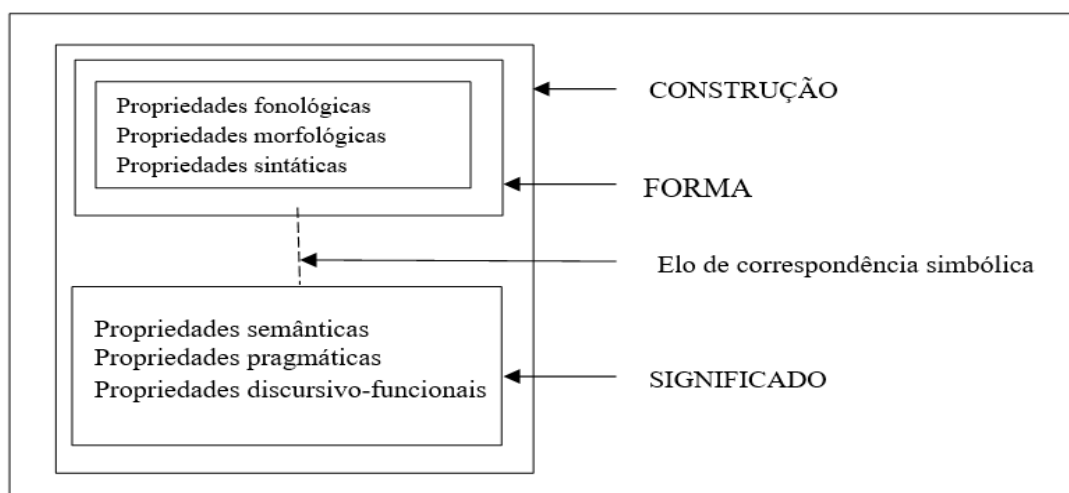
⁷ Cf. original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist” (GOLDBERG, 2003, p. 219).

baixo herdam traços e propriedades das estruturas mais gerais. Logo, as estruturas mais abstratas, com sentido original ou prototípico acabam influenciando as de nível mais baixo, caracterizadas como extensões.

O princípio central das abordagens construcionistas é que existe “uma representação uniforme de todo conhecimento gramatical na mente do falante, na forma de construções” (Croft e Cruse 2004, p. 255, *apud* Hoffmann e Trousdale, 2011)⁸. Além disso, os gramáticos da construção subscrevem a ideia de que “qualquer construção com características morfológicas, sintáticas, lexicais e idiossincráticas únicas, propriedades semânticas, pragmáticas ou funcionais do discurso devem ser representadas como um nó independente na rede construcional, a fim de capturar o falante conhecimento de sua língua” (Croft e Cruse 2004, 265)⁹ (Croft e Cruse 2004, 265).

Nesse entendimento de língua estruturada em rede construcional, Croft (2001), em sua *Gramática de Construções Radical*, também dá ênfase à natureza taxonômica¹⁰ dos processos cognitivos e define construção como unidade simbólica da língua. A relação entre os pares forma e sentido é representada, conforme a figura (1):

Figura1 – Modelo de estrutura simbólica da construção



Fonte: adaptado de Croft (2001, p.18).|

⁸ Cf. original: “A uniform representation of all grammatical knowledge in the speaker’s mind, in the form of constructions” (CROFT e CRUSE, 2004, p. 255).

⁹ Cf. original: “Any construction with unique idiosyncratic morphological, syntactic, lexical, semantic, pragmatic or discourse-functional properties must be represented as an independent node in the constructional network in order to capture a speaker’s knowledge of their language.” (CROFT e CRUSE, 2004, p. 263).

¹⁰ Rede taxonômica é o conjunto estruturado e hierarquizado de uma rede de unidades convencionizadas, denominadas de *constructicon* (ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016).

De acordo com a figura (01), o vínculo de correspondência simbólica engloba tanto a estrutura formal (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) quanto a estrutura do significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Na visão do autor, a forma não se restringe apenas às estruturas sintáticas e as propriedades ligadas à funcionalidade incluem as propriedades do discurso e a situação pragmática que envolve os interlocutores no enunciado (Croft, 2001).

Assim, o elo que liga as duas dimensões ultrapassa a perspectiva da unidirecionalidade forma > função analisada nos estudos funcionalistas de versão clássica e o eixo motivador do uso linguístico se amplia para a direcionalidade da correlação função <>forma.

Traugott e Trousdale (2013), assim como Croft (2001), também consideram que a língua é formada por *construções*, representadas pelo pareamento correlacionado de forma e significado: $[[F] \leftrightarrow [S]]$. De acordo com os autores, as *construções* estão interconectadas numa rede de nós e são classificadas com base em três parâmetros. Vejamos o quadro (02):

Quadro 2 - Dimensões da construção

Tamanho	Atômica <i>café, _s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade Fonológica	Substantiva <i>café, _eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>adj_mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>_s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: Rosário e Oliveira (2016, p.8)

Como se observa no quadro (02), em relação ao *tamanho*, a construção pode ser considerada atômica (monomorfêmica), complexa (sintagmas ou *chunks*) e intermediária (prefixação e derivações). Em relação à *especificidade fonológica* são estabelecidos três tipos: substantiva, esquemática e intermediária. De acordo com esse parâmetro, quanto mais especificidade de preenchimento na construção, menor será a esquematicidade. No que tange à *conceptualização*, ou seja, ao tipo de conceito, a construção pode ser conteudista (mais lexical – nomes e verbos), procedural (menos lexical – desinências e conectores) e intermediária (modalização ou evidencialidade) (Rosário e Oliveira, 2016).

Outra importante contribuição dos autores dentro da proposta de rede construcional é o modelo de mudança linguística. A fim de apontar os vários estágios no processo de mudança, Traugott e Trousdale (2013) apresentam as propriedades de *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*.

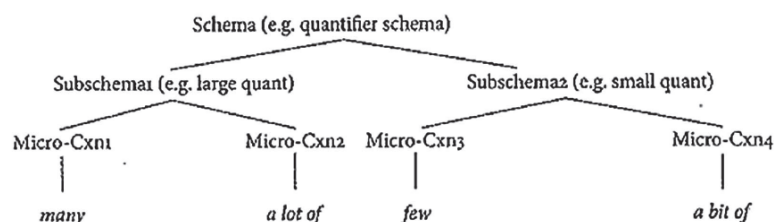
A noção de *esquematicidade* está intimamente ligada à noção de rede construcional. É a propriedade de categorização que envolve abstração, no nível mais geral e esquemático. De acordo com essa noção, uma construção tem como objetivo apreender padrões mais gerais em um conjunto de construções mais específicas. Em outras palavras, “são abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes, já que delas se originam as diversas construções da língua” (Oliveira e Rosário, 2016, p. 244).

Ainda quanto ao grau de esquematicidade, há o desdobramento em quatro níveis hierárquicos: o *esquema*, o *subesquema*, a *microconstrução* e o *constructo*, como veremos mais adiante. Para Oliveira e Rosário (2016), esses níveis explicam-se a partir dos graus de generalidade que os definem.

O *esquema* possui natureza altamente abstrata, compreendendo as construções mais genéricas da rede e abarcando as estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento, também denominadas de macroconstruções. Os *subesquemas* envolvem o conjunto de similaridades que é observável entre construções individuais diversas, que podem ser classificadas como mesoconstruções. Já as *microconstruções* são as construções individuais que já se encontram convencionalizadas e produtivas na língua. Logo, de uma inovação (constructo) convencionalizada, gera a microconstrução. Os *constructos*, por sua vez, são ocorrências atestadas empiricamente, caracterizando-se como o *locus* da inovação. Nesse sentido, Oliveira e Rosário (2016) afirmam que os constructos são as instanciações concretas da língua, ou seja, aquilo que os usuários efetivamente produzem. Estão também relacionados à frequência *token*, que é o número de ocorrências de determinada construção.

Traugott e Trousdale ilustram a proposta com base na construção quantificadora do inglês:

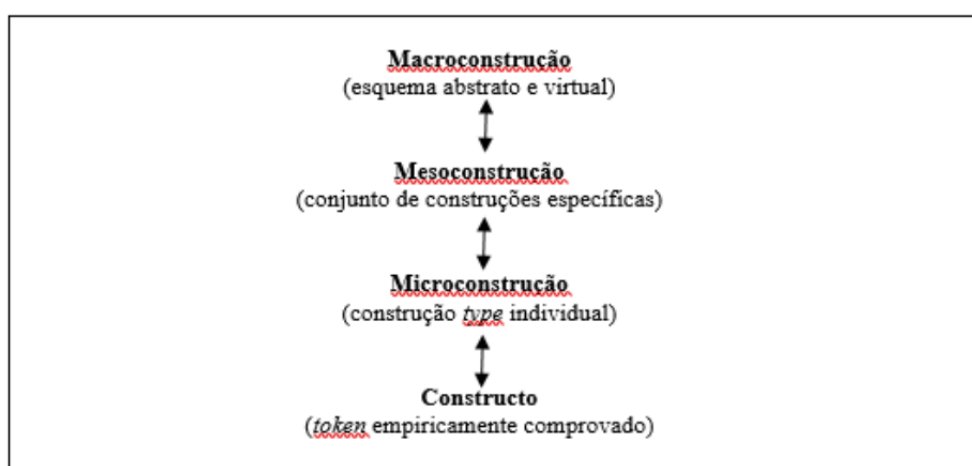
Figura 2 – Hierarquia construcional



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.17)

Na figura (03), a seguir, temos a representação dos níveis de esquematicidade proposta por Traugott (2012):

Figura 3 – Níveis de esquematicidade construcional



Fonte: Traugott (2012)

Traugott e Trousdale (2008) e Fried (2008) também consideram os esquemas maiores como macroconstruções. As mesoconstruções são classificadas como grupo de microconstruções. As microconstruções são as construções individuais e os constructos, considerados como exemplares. Vale ressaltar que os níveis de esquematicidade devem ser considerados em um *continuum*.

A produtividade está intimamente relacionada à questão de frequência, a qual é responsável pela rotinização e cristalização de novos usos na língua. Enquanto a frequência *token* está relacionada à questão de uso de determinado construto, podendo trazer evidências empíricas, a frequência *type* está relacionada ao

fenômeno *host-class expansion*¹¹, pelo fato de as construções possuírem natureza relacional e (relativamente) esquemática, podendo, ao longo do tempo, ser empregadas em diferentes colocações. É importante salientar que o fenômeno é gradiente e corresponde ao aumento de ocorrências de novas construções no uso.

A composicionalidade refere-se ao nível de transparência da construção. É também entendida em termos de convergência (*match*), quando o falante, no ponto de vista sintático, produz uma sequência e o interlocutor compreende o significado de cada item, depreendendo o significado como um todo. Há também a divergência (*mismatch*), quando não há correspondência entre o significado de cada item particular e o significado do todo.

Outro conceito muito importante relacionado à gramática de construções é o *chunking*. Esta ideia se refere aos *chunks* – “pedaços” – que são palavras/expressões encontradas frequentemente dentro de uma língua, que possuem sempre uma estrutura fixa ou semifixa, funcionam como unidades coesas e semânticas e são utilizados de forma automatizada e rotinizada.

- (06) *“A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro, em sua grande maioria, é de convivência com ciclos de desemprego e vulnerabilidade social, cultural, econômica e política. Segundo dados do Observa POA, a taxa de analfabetismo é de 4,03%. **No que concerne** às matrículas do Ensino Médio em números absolutos de 2016, foi de 668 alunos, com índice de aprovação de 44% e um percentual de abandono de 14%. A Lomba do Pinheiro conta com 75% dos responsáveis por domicílios sob uma renda média de até 2,07 salários mínimos”.*

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/10/pre-vestibular-kilomba-leva-esperanca-a-jovens-da-lomba-do-pinheiro-em-porto-alegre/>

O exemplo (06) traz uma das microconstruções observadas nesta pesquisa. Percebe-se que todos os elementos que a compõem são utilizados juntos e não sofrem variações – mesmo tendo um verbo. Ou seja, não há exemplos em que um dos termos utilizados seja suprimido e nem os verbos apresentam flexões – seja de número, de tempo ou pessoa. Assim, a microconstrução “no que concerne a” é vista como uma estrutura mais complexa.

¹¹ Himmelmann (2004, p. 32) define *host-class expansion* como expansão dentro da classe de elementos com a qual a gramática está em construção.

A microconstrução "no que concerne a" demonstra várias características linguísticas importantes, incluindo nó independente, esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Primeiramente, ela funciona como um nó independente dentro do texto, introduzindo uma nova consideração ou aspecto relacionado ao tópico discutido. Neste caso específico, ela direciona a atenção do leitor para informações adicionais sobre as matrículas do Ensino Médio na Lomba do Pinheiro em 2016.

Além disso, a microconstrução é esquemática, o que significa que pode ser aplicada a uma variedade de contextos e situações semânticas, fornecendo uma estrutura familiar para expressar relações específicas. Aqui, "no que concerne a" estabelece uma relação de pertinência ou relevância entre o tema discutido anteriormente e a informação subsequente sobre as matrículas do Ensino Médio.

A produtividade da microconstrução é evidenciada pela sua capacidade de ser utilizada em diferentes contextos e situações discursivas para introduzir novas considerações ou informações pertinentes. Ela permite que o autor expresse relações semânticas similares de maneira consistente e eficaz em uma variedade de contextos.

Por fim, a microconstrução "no que concerne a" demonstra composicionalidade, pois seu significado é compreendido através da combinação dos significados de seus componentes individuais ("no que concerne a"), resultando em uma expressão coesa e significativa que contribui para a compreensão geral do texto. Essa composicionalidade permite que os falantes compreendam e usem a microconstrução de forma flexível e adaptável em diferentes situações de comunicação.

Ademais, o processo de *chunking* é baseado na ideia de que os falantes não processam a linguagem palavra por palavra, mas sim em unidades maiores que são armazenadas na memória de longo prazo. Essas unidades maiores podem ser *chunks*, que podem incluir expressões idiomáticas, colocações, frases feitas ou qualquer sequência de palavras que ocorra frequentemente em um determinado contexto.

O *chunking* também desempenha um papel importante no processamento da linguagem natural por computadores. Durante a análise sintática computacional, o *chunking* pode ser usado para identificar e extrair informações relevantes de um texto, como nomes de pessoas, lugares ou entidades. Isso ajuda a simplificar a

tarefa de compreender a estrutura do texto e a extrair informações úteis para várias aplicações, como sistemas de busca, tradução automática, sumarização de textos, entre outros.

É importante ressaltar que os chunks na linguagem não se limitam apenas a expressões idiomáticas ou frases feitas. Eles podem incluir uma ampla variedade de unidades coesas, como colocações específicas, fórmulas linguísticas comuns em contextos profissionais ou técnicos e até mesmo estruturas gramaticais fixas presentes em determinados gêneros textuais. A diversidade de chunks reflete a riqueza e a complexidade da linguagem, oferecendo aos falantes e aos sistemas de processamento de linguagem natural uma vasta gama de unidades prontas para serem utilizadas na comunicação.

Além disso, é importante reconhecer que os chunks na linguagem não são estáticos; eles podem se adaptar e evoluir ao longo do tempo. Novas expressões podem surgir, enquanto outras podem cair em desuso. Esse dinamismo na evolução dos chunks reflete as mudanças na sociedade, na cultura e nas tendências linguísticas. Portanto, tanto os falantes humanos quanto os sistemas de processamento de linguagem natural devem estar preparados para reconhecer e lidar com essa evolução contínua, a fim de garantir uma comunicação eficaz e uma compreensão precisa da linguagem em seu contexto.

Através deste capítulo, exploramos a intersecção entre língua, cognição e gramática de construções, fundamentais para compreendermos a complexidade da linguagem humana. Ao analisar as relações entre esses elementos, evidenciamos como a cognição molda a estrutura e o uso das construções gramaticais, influenciando diretamente a forma como pensamos e nos comunicamos. Ao considerar a língua não apenas como um sistema estático de regras, mas sim como um reflexo dinâmico das capacidades cognitivas humanas, abrimos caminho para uma compreensão mais profunda dos processos linguísticos e de como eles são intrinsecamente conectados aos aspectos cognitivos da mente humana.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresentamos uma breve revisão sobre as definições de pronome mostrativo e relativo, bem como da oração adjetiva. Tal revisão se faz necessária para localizar nosso objeto de pesquisa.

2.1 O pronome mostrativo

O pronome demonstrativo "o" pode ser utilizado de diversas formas na língua portuguesa, dependendo do contexto em que é empregado. Segundo a GT, algumas das principais funções do pronome "o" são: pronome demonstrativo de terceira pessoa do singular (quando é usado para substituir um substantivo já mencionado anteriormente, de forma a evitar a repetição) e pronome demonstrativo neutro (não se refere a um substantivo específico).

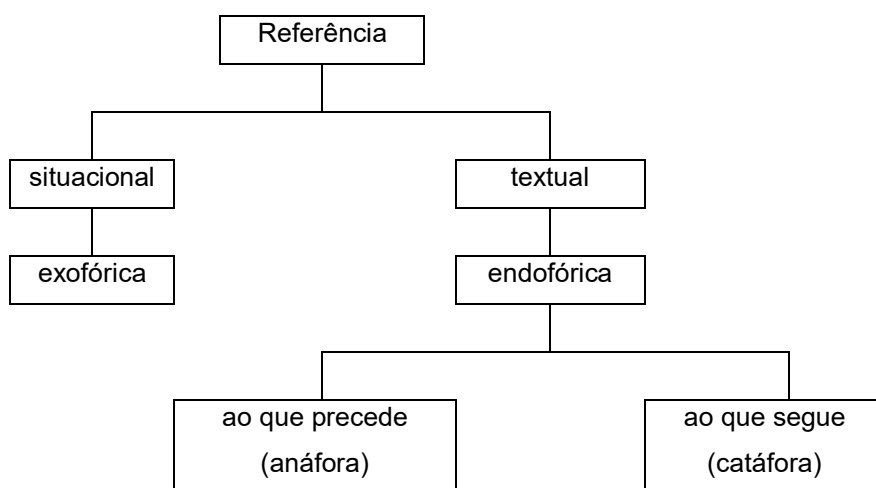
De acordo com Castilho (1993), os mostrativos ou demonstrativos são palavras que indicam ou especificam, de forma dêitica ou anafórica, a que entidades o falante se refere em seu discurso. Assim, o lexema "o" pode ser classificado como um mostrativo já que aponta algo (termo, ideia, assunto). A saber, fazem parte da classe dos mostrativos os artigos definidos e pronomes oblíquos de terceira pessoa: o(s), a(s). Eles têm sua origem nos demonstrativos latinos distais no acusativo, especificamente "illum" e "illam," que se transformaram nas formas "lo" e "la" nas línguas românicas, como o espanhol (cf. Bagno, 2011, p. 777).

Conforme o autor, os mostrativos tem a função de "mostrar", em certos contextos discursivos objetos relevantes, sejam eles presentes no entorno do falante e/ou o ouvinte, apontando para um objeto do mundo, ou no próprio universo do discurso, fazendo referência a um termo mencionado em outra parte do texto. Dessa forma, esses termos mostrativos podem operar na esfera dêitica e da referencialidade, desempenhando uma função contextual e com implicações semânticas fórica e um papel dêítico, ideia já defendida por Lyons (1977), que aponta que os pronomes podem atuar tanto na retomada de um referente como de

conteúdo. Sobre isso, “a retomada de conteúdos verbalizados faz-se por meio dos artigos e dos pronomes” (Castilho, 1993, p. 123) e o autor apresenta o seguinte exemplo “*ele vai pontar ah desenhar o animal só com duas patas porque é só o que ele pode ver*” (*ibidem*, p. 141). Por fim, alude que “esse” mostrativo pode referenciar ideias já mencionadas no contexto anterior, apanhando toda uma sentença, ou contexto maior, e não apenas um constituinte” (p. 142).

Diferentemente dos casos de anaforicidade, os elementos dêiticos, pela sua função mostrativa, se definem pela instrução de busca de referentes fora do discurso ou do co-texto, caracterizando assim os casos de referência endofórica e exofórica, como mostra o esquema em (03), adaptado de Koch (2001, p. 20).

Quadro 3 - Referência textual e referência situacional (mostrativa)



Fonte: adaptado de Koch (2001, p. 20).

Conforme já antecipamos, em nossa introdução, uma de nossas hipóteses é de que a construção, aqui analisada, atue na relação fórica e, com isso, atue na relação textual entre as partes, bem como passe a ser interpretada também como uma conexão textual. Vejamos o enunciado (07), a seguir, em que se percebe esse caráter coesivo da contração “no” [em (preposição) + o (mostrativo)]:

(07) “Uma pesquisa divulgada nesta quinta-feira (27) pelo CNI-Ibope mostrou que a popularidade do presidente Jair Bolsonaro caiu entre abril e junho de 2019. O percentual dos que avaliaram o governo como ruim ou péssimo subiu de 27% para

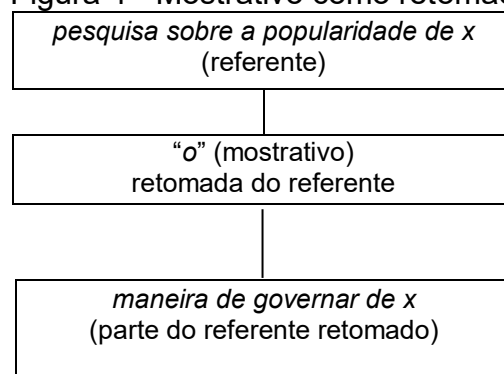
32%, enquanto os que classificaram como ótimo ou bom diminuiu de 35% para 32%.

No que diz respeito à maneira de governar do presidente, o percentual de desaprovação cresceu de 40% para 48%, enquanto a aprovação recuou de 51% para 46%. A confiança em Bolsonaro também diminuiu de 51% para 46%, enquanto os que responderam que não confiam aumentou de 45% para 51%”.

Fonte: <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/ibope-popularidade-de-bolsonaro-diminui-e-atinge-menor-indice-desde-a-posse.html>

Em (07), temos na primeira porção textual a construção do referente “pesquisa sobre a popularidade de x”. Já na segunda parte, iniciada pela microconstrução “*no que diz respeito à*”, temos o mostrativo “o”, que se encontra na contração que inicia o período, auxiliando na retomada do referente parágrafo anterior. Dessa forma, temos uma relação entre a referência na primeira parte e a referência a ser construída na segunda parte textual. Na sequência, a microconstrução passa a operar nossa informação, mas que possui relação com o referente, como um processo de merônimo, promovendo uma especificação da informação, agora, sobre a maneira de governar. Na figura (04), abaixo, procuramos representar esse jogo informacional.

Figura 4 - Mostrativo como retomada do referente



Fonte: a autora

A relação entre subconjuntos é a hiponímia. Croft e Cruse (2004), sobre a definição de meronímia, apontam que é vista como uma relação entre significados contextualmente construídos (ou, mais precisamente, por pré-significados criados pela interpretação de limites). No entanto, a relação é menos direta do que a hiponímia, e não é fácil selecionar a maneira ideal de expressá-la. Assim, tem-se um significado muito indeterminado, depois uma série de interpretações pré-significantes que nos aproximam cada vez mais da interpretação alvo e podem

envolver um compromisso de parcialidade em algum momento antes da interpretação final, mas em muitos casos a relação parte-todo não pode ser inferida até atingirmos o nível de referentes individuais. Como se trata de uma relação lexical, aqui estamos diante de um escopo maior do referente, dessa forma, vamos denominar de todo-parte.

2.2 O pronome relativo “que”

De acordo com Neves (2000), “os pronomes relativos introduzem uma oração de função adnominal, isto é, uma oração adjetiva” (p. 365). Isto ocorre porque essas palavras preenchem a posição que seria ocupada pelos termos aos quais se referem. Ainda em relação à função desta classe gramatical, a autora aponta que quando um pronome relativo inicia uma oração adjetiva restritiva, a informação trazida auxilia o leitor a identificar um subconjunto de um conjunto já conhecido, o que parece ocorrer em nossos dados.

Nos dados analisados, percebe-se que os pronomes relativos são utilizados - geralmente, iniciando as orações - para estabelecer uma relação direta e específica entre o termo, ideia ou assunto antecedente e a informação nova que está sendo fornecida. Ou seja, a partir da retomada iniciada pelas microconstruções estudadas, o pronome ajuda a restringir o conjunto geral, criando uma categoria mais precisa, um subconjunto.

No exemplo (08), abaixo, o conjunto seria a “Pinheiros de Roma, composição de Ottorino Respighi” e o subconjunto o “estilo de composição” da obra artística.

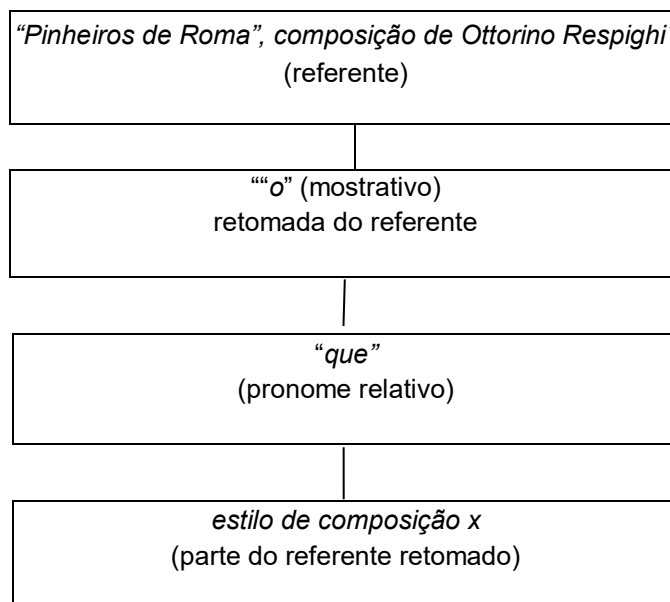
(08) “O encerramento virá com “Pinheiros de Roma”, composição de Ottorino Respighi, que se dedica, com grande sucesso, apenas à música instrumental.

No que se refere ao seu estilo de composição, a peça alinha-se ao pós-romantismo, tendência que agrega compositores que, já no século XX, dedicavam-se à composição dentro dos padrões do século XIX”.

Fonte: <http://www.osmc.com.br/novo/noticias/1039/concerto-da-orquestra-sinfonica-tera-participacao-de-baritono-chileno.aspx>

Com base em (08), percebe-se que o uso do “que” retoma o mostrativo “o”, que possui a função de nome, pois está retomando o referente “peça Pinheiros de Roma, composição de Ottorino Respighi”, evitando a repetição deste antecedente na oração subordinada adjetiva iniciada pela microconstrução destacada. Procuramos representar essa ideia abaixo, conforme figura (05).

Figura 5 - Pronome relativo na atuação da especificação



Fonte: a autora

Castilho (2012, p. 367) indica que “o conjunto dos pronomes relativos vem sofrendo séria restrição no PB, com a consequente generalização de *que*”. Além disso, o autor indica que o pronome “*que*” relativo desempenha simultaneamente dois papéis: enquanto pronome, recebe funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença que ele encabeça; enquanto conjunção, liga a adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz.

Do ponto de vista cognitivo, é possível perceber que a organização textual se dá na relação “figura/fundo”. As noções de plano discursivo e de saliência perceptual são fundamentais para compreender a organização estrutural do texto. As dimensões de figura e fundo, cuja formulação original se deve à Gestalt, relacionam-se à percepção e à cognição. Dessa forma, as entidades que aparecem em primeiro plano, as mais salientes, são mais fáceis de serem percebidas, enquanto aquelas que aparecem em segundo plano são menos aparentes.

A distinção entre figura e fundo, segundo Givón (1995), está relacionada ao critério de *frequência* da marcação. Para ele, por ser menos frequente, o elemento marcado apresenta maior relevo perceptual e, portanto, corresponde à figura. O fundo corresponde ao que é textualmente mais abundante, por isso, constitui ao caso não marcado. Assim, no plano da figura, estão as informações mais importantes que o falante quer expressar, o plano que melhor representa os propósitos que o falante tem com aquela expressão (é o plano em que as informações são mais salientes). Já no plano fundo, estão as partes que apenas ampliam, comentam ou embasam a informação que está no plano de figura.

Além das abordagens da Gestalt e de Givón, outras correntes nos estudos linguísticos também exploram a noção de figura e fundo. Por exemplo, na teoria da análise do discurso, a distinção entre figura e fundo pode ser entendida como uma estratégia de organização textual que visa destacar certos elementos ou informações em detrimento de outros. Nesse sentido, a escolha de destacar uma figura sobre o fundo pode ser influenciada por diversos fatores, como propósitos comunicativos, intenções do autor, contexto social e cultural, entre outros.

Ademais, a distinção entre figura e fundo pode ser observada em diferentes níveis de análise linguística. No nível microestrutural, por exemplo, figuras podem ser identificadas como termos ou expressões lexicalmente marcados, enquanto o fundo pode consistir em termos mais generalizados ou não marcados. Já no nível macroestrutural, figuras podem ser segmentos textuais inteiros que se destacam como unidades de informação principais, enquanto o fundo pode ser constituído por segmentos de apoio ou contextualização. Essa distinção opera em vários níveis de granularidade, contribuindo para a coesão e coerência do texto como um todo.

Como é possível observar, este texto aborda algumas opções de programas de entretenimento. O lexema “*Pinheiros de Roma*” (figura) é citado e, depois, inicia-se um período com a microconstrução “*no que se refere a*”. Neste, o foco recai sobre a questão do “*estilo de composição*” (fundo, inserido pela utilização da microconstrução), uma característica específica referente ao todo, que foi apresentado anteriormente – o espetáculo, o que é reforçado pelo uso pronome “seu”, que desenvolve um apontamento dêitico ao referente já apresentado. Câmara e Vicente (2016) apontam que é necessário o deslocamento do sintagma para início de uma frase, “tratando-se assim de uma inversão” (p. 9).

Ainda sobre o assunto, Schlee (2016), indica que os pronomes relativos “funcionam como uma espécie de ponte entre a palavra que está antes deles e a informação que vem depois” (p. 194). Assim, esses termos desempenham um papel essencial na coesão textual. Dentro desta classificação, a autora inclui a palavra “que”. Dessa maneira, a utilização deste termo proporciona fluidez à linguagem escrita, evitando repetições e conferindo clareza ao discurso, facilitando, portanto, a compreensão do leitor.

Na Gramática da Língua Portuguesa, produzida por Mateus et al. (2003), o pronome relativo “que” surge no capítulo sobre as orações relativas, apresentado como um “constituente relativo”. No texto, destaca-se o caráter quantificacional, ou seja, “de operador ou quase-operador e a posição não-argumental, no início da frase, com escopo sobre toda a frase” (p. 661). Especificamente sobre o pronome “que” é apresentado como um dos mais polivalente dentro da categoria.

2.3 As orações adjetivas

Segundo Neves (2000), as orações adjetivas são períodos compostos por subordinação e possuem a função de modificar ou especificar um substantivo presente na oração principal. Assim, elas desempenham o papel de adjetivo, fornecendo informações adicionais sobre o seu referente.

Já Castilho (2010) afirma que as sentenças adjetivas - ou relativas - “são sentenças encaixadas num sintagma nominal, em que atuam como complementadores” (p. 366). A saber, o autor denomina como “complementadores” os “sintagmas adjetivais, sintagmas preposicionais e sentenças adjetivas” (p. 510). Ainda sobre o assunto, o autor aponta que “as gramáticas classificam habitualmente as sentenças adjetivas com base em suas propriedades semânticas” (p. 370).

Ao especificarem o sentido do sintagma nominal em que estão inseridas e adicionando informações relevantes, como exemplificado anteriormente, as orações adjetivas restritivas desempenham um papel crucial na comunicação. Neves (2000, p. 375) esclarece que a “especificação do sentido do sintagma nominal” ocorre que nas restritivas “a informação introduzida serve para identificar um subconjunto dentro do conjunto [expresso pelo núcleo desse sintagma]”. Mira Mateus et al. (2003, p.

655) destacam que “as restritivas contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal”. Quando operam como um aposto do sintagma nominal, explicitando “um comentário do locutor acerca da entidade denotada por um sintagma nominal, o antecedente da relativa” (Mira Mateus et al., 2003, p. 671). É importante salientar que, nesse contexto, o termo “comentário” refere-se ao fato de as orações adjetivas explicativas não identificarem nenhum subconjunto dentro de um conjunto, conforme apontado por Neves (2000, p. 375).

Dessa forma, compreende-se que, apesar da utilização de termos distintos, há uma concordância sobre o papel das orações adjetivas, sendo elas responsáveis por adicionar atributos novos a um referente já conhecido. Além disso, ambos autores apontam que as adjetivas, geralmente, são introduzidas por pronomes relativos, como “que”, “quem”, “cujo”, “onde” etc. Isto porque esses pronomes estabelecem uma relação de dependência com o antecedente, que é o substantivo modificado.

Na visão funcionalista, no que se refere à integração de orações, é que a dicotomia *coordenação* vs. *subordinação* não é suficiente para espelhar as muitas formas como a integração de orações se dá no plano discursivo. Com base nisso, Hopper e Traugott (1993, p. 170) lançam a proposta de classificação de orações a partir de graus de integração, sendo eles: (i) parataxe ou relativa independência; (ii) hipotaxe ou interdependência em que há uma cláusula núcleo e uma ou mais cláusulas margens que são relativamente dependentes e não se configuram como constituintes da cláusula núcleo; e (iii) subordinação ou encaixamento ou completa dependência em que a cláusula margem é um constituinte da cláusula núcleo. Tomando por base os traços de dependência e encaixamento, sintetizam as características, conforme o quadro, a seguir.

Quadro 4 - Graus de dependência e encaixamento

parataxe >	hipotaxe >	subordinação
-encaixamento	-encaixamento	+encaixamento
-dependência	+dependência	+dependência

Fonte: Hopper e Traugott (1993, p. 170).

Assim, na visão funcional, não há uma cisão entre o plano sintático e o plano semântico, tendo em vista que esses dois são contrapartes da construção (cf. Goldberg, 1995, 2006, Croft, 2001) e Traugott & Trousdale (2013). Além disso, outro ponto importante nesta abordagem é a dicotomia coordenação vs. subordinação, que é vista a partir de uma visão discursiva a partir da integração das orações (cf. Hopper & Traugott, 1993, p. 170), que podem ser vistos em um *continuum* com, pelo menos, três pontos de aglomeração: parataxe; hipotaxe e a subordinação.

Schlee (2016) afirma que elas “equivalem aos adjetivos” (p. 367). Dessa forma, significa que elas são responsáveis por qualificar, introduzir informações adicionais sobre um substantivo. Já Matheus et al. (2023) adota a nomenclatura “orações relativas” para se referir às orações adjetivas e as apresenta como aquelas que modificam um nome ou uma oração antecedente. Logo, ressalta-se o caráter anafórico das relativas.

Ao longo deste capítulo, exploramos a função e o uso dos pronomes demonstrativos, do pronome relativo “que” e das orações adjetivas na língua portuguesa, destacando sua relevância na estruturação da comunicação e na expressão de relações de sentido. Nossa análise revelou que o uso eficaz desses elementos linguísticos reflete aspectos fundamentais da cognição humana, evidenciando como a linguagem está intrinsecamente ligada à forma como percebemos e compreendemos o mundo ao nosso redor.

Portanto, este capítulo não apenas oferece insights sobre a estrutura e o funcionamento da língua portuguesa, mas também destaca a importância de uma abordagem integrada que considere tanto os aspectos formais quanto os cognitivos da linguagem. Ao reconhecermos a complexidade e a interconexão desses elementos, podemos aprofundar nossa compreensão da linguagem e suas múltiplas dimensões.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo tem como objetivo fornecer os procedimentos metodológicos e a composição do corpus da pesquisa da construção de concernência.

3.1 Sobre o *corpus* da análise

Os dados coletados nesta pesquisa foram amostras de ocorrências do *Corpus do Português* de categoria NOW, disponível gratuitamente no endereço eletrônico <https://www.corpusdoportugues.org/>. Esse *corpus* contém uma base de dados de um bilhão e cem milhões de palavras em português, oriundas de jornais e revistas da web. Apesar do *corpora* conter amostras de quatro países de língua portuguesa, restringimos a análise no Português do Brasil. Abaixo, a visão da página na internet.

Figura 6 – Visão da página “corpus do português” na rede mundial de internet

		Corpus	Size	Created
1	Info	Genre / Historical	45 million words	2006
2	Info	Web / Dialects *	1 billion words	2016
3	Info	NOW (2012 - 2019)	1.1 billion words	2018

Fonte: <https://www.corpusdoportugues.org/>

A Amostra Now é uma subdivisão específica desse corpus e se destaca por conter textos contemporâneos, que considera textos produzidos no período de 2012 a 2019, o que torna uma fonte de dados linguísticos atualizados e representativos do

uso da língua portuguesa na atualidade. Logo, a escolha deste *corpus* está relacionada à expectativa de encontrar uma considerável variedade de usos das microconstruções aqui analisadas em diferentes tipos de gêneros.

Os textos – aqui entende-se este termo como “*locus* da organização e manifestação empírica do discurso, atualizado na/pela linguagem, constituindo-se um todo significativo” (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013, p. 19) – analisados pertencem a diferentes gêneros textuais.

3.2 Sobre a construção de concernência e as etapas metodológicas

Utilizamos uma pesquisa de método quali-quantitativo, que contabiliza e reúne um número significativo de dados e analisa os fatores de ordem sintático-semântica e pragmática, envolvidos nas instâncias de uso presentes nas expressões.

A amostra de pesquisa é composta pelas 100 primeiras ocorrências encontradas no corpus *Now*, ou seja, pelas seguintes microconstruções inseridas no esquema [no que X a Y]: *no que concerne a Y*; *no que diz respeito a Y*; *no que se refere a Y*; e *no que tange a Y*, conforme o exemplo a seguir. Porém, a microconstrução “no que concerne” apresentou somente 66 ocorrências, totalizando 366 dados analisados. Os exemplos são oriundos da amostra denominada *Now* que possui 1,4 bilhão de palavras, dados escritos entre os anos de 2012 e 2019 em jornais e revistas digitais.

- (09) “Segundo o presidente da Embratur, esse movimento também impulsionará a geração de emprego e renda. **No que se refere a** 2017, o gestor advertiu que o maior entrave para o setor ainda é a falta de consenso sobre a força do turismo na esfera pública, além da exigência de visto para países que representam baixo risco migratório, a conectividade aérea do País, a deficiência da segurança pública e a barreira do idioma”.

Fonte: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/11/economia/529821-entidades-debatem-politicas-publicas-para-desenvolver-turismo-no-brasil.html

Dessa forma, realizamos a coleta de dados a partir da ferramenta “list”, em que encontramos o seguinte quadro de frequência de usos para cada microconstrução, conforme a figura (07), a seguir.

Figura 7 – Frequência de usos da Construção de encapsulamento por apontamento

Construção de concernência SIGNIFICADO: Y retoma X para especificá-lo FORMA: [[X_(referente) [Preposição_(em) + Mostrativo anafórico_(o)]_{NO} Pronome Relativo_(que) Y_(referente especificado)]]			
Subesquema 1 no que concerne a Y	Subesquema 2 no que diz respeito a Y	Subesquema 3 no que se refere a Y	Subesquema 4 no que tange a Y
Microconstrução 1 66 dados	Microconstrução 2 100 dados	Microconstrução 3 100 dados	Microconstrução 4 100 dados

Fonte: a autora

Além disso, utilizamos, em nossa análise da classificação dos gêneros discursivos disponíveis no *corpus Now*, sendo: notícia, artigo de opinião, decisão ou portaria judicial/ministerial/governamental, discurso oral, nota de esclarecimento, reportagem, avaliação de um produto, questão de concurso, entrevista, parecer, ação judicial, acórdão, horóscopo, crítica de cinema, relatório de vistoria, comentário em um site, alvará de soltura, inquérito, depoimento judicial, investigação criminal, artigo acadêmico, pesquisa de ONG, projeto de lei e boletim de ocorrência.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise dos dados, bem como lançamos mão das hipóteses explicativas dos achados encontrados. Inicialmente, avaliamos os tipos de retomadas que compõem a microconstrução, baseando-se em critérios sintáticos. Outra avaliação é no que se refere à gradiência à e significação da construção de concernência, dessa vez considerando o parâmetro textual. Na sequência, buscamos verificar se há uma correlação entre o tipo de retomada e o gênero discursivo.

4.1 Caracterização da construção de concernência

Nossa primeira etapa de análise recai sobre a classificação das possibilidades de ocorrência das microconstruções *no que diz respeito a*, *no que se refere a*; *no que tange a* e *no que concerne a*, e verificamos que elas podem ocorrer a partir de duas configurações formais, sendo: *intraoracional*, onde temos a realização da retomada de um termo/ideia em um mesmo período em que as microconstruções são utilizadas, ver exemplos (01) e (02); ou *entre* porções textuais, parágrafos diferentes, *interacional*, ver exemplo (03), conforme a frequência disposta na tabela (01).

Cabe ressaltar que, para analisar essas configurações, utiliza-se o critério sintático, ou seja, há a observação e a avaliação da estrutura gramatical das frases e dos períodos dentro de um texto. Dessa forma, investiga-se como as palavras são organizadas em uma sentença, como as orações se relacionam umas com as outras e, ainda, como a pontuação é empregada para transmitir significado. Esse critério permite a compreensão sobre a fluidez, a coerência e a clareza da expressão escrita, identificando aspectos gramaticais que contribuem para a construção do sentido textual.

Tabela 1 – Frequência de usos das microconstruções de concernência

Configuração	Microconstruções				TOTAL
	<i>No que tange a</i>	<i>No que concerne</i>	<i>No que se refere a</i>	<i>No que diz respeito a</i>	
Intraoracional	4	20	7	3	34
Interoracional	96	46	93	97	332
TOTAL	100	66	100	100	366

Fonte: a autora.

A presença significativa de dados relacionados à microconstrução "no que concerne a", tanto na categoria intraoracional quanto na interoracional. Na configuração intraoracional, essa construção é responsável por 20 dos 66 dados totais, representando uma parcela substancial deste conjunto de dados. Essa observação indica uma preferência pelo uso dessa construção em ambos os contextos, sugerindo sua relação na estruturação e coesão do discurso, independentemente de ser empregada dentro de uma mesma oração ou em contextos de interação entre orações. Essa frequência evidencia a que "no que concerne a" atua para introduzir considerações adicionais ou especificações sobre um determinado assunto, tanto em nível intra quanto interoracional.

Destaca-se, ainda, uma disparidade na quantidade total de dados entre as configurações intraoracional e interoracional. Enquanto a categoria intraoracional conta com um total de 34 microconstruções, as ocorrências na categoria interoracional somam expressivos 332. Essa diferença substancial reflete uma clara preferência pelo uso de microconstruções em contextos interoracionais em comparação com sua utilização dentro de uma mesma oração. Essa discrepância pode ser atribuída às características distintas desses contextos: enquanto a coesão e a estruturação do discurso podem demandar menos o uso de microconstruções em uma unidade sintática isolada, em contextos interoracionais, como na construção de textos mais longos ou complexos, esses recursos se mostram fundamentais para garantir a fluidez e a organização do conteúdo. Portanto, a diferença de quantidade total de dados entre as duas configurações evidencia não apenas as preferências linguísticas dos falantes, mas também as demandas específicas de diferentes contextos comunicativos.

Vejamos, inicialmente, os exemplos (10) e (11), *intraoracional*.

- (10) *“As federações esportivas brasileiras são pouco transparentes, têm processos eleitorais frágeis, baixo controle de suas contas e falta de estratégia no que se refere a aspectos sociais. Esse é o resultado de pesquisa realizada pela entidade dinamarquesa Play the Game sobre o esporte brasileiro”.*

Fonte: (<https://www.terra.com.br/esportes/federacoes-esportivas-tem-democracia-fragil-e-pouca-transparencia-no-brasil,67dfefab35659f6720fb7de2b23a44c95d6pmql0.html>)

- (11) *“Se o trabalho enobrece e “dignifica o homem”, no que se refere às crianças mortifica suas possibilidades de uma vida digna, visto que essa situação restringe ou até impede o acesso a direitos como saúde, educação, profissionalização, convivência familiar e comunitária. Ademais, o corpo inadolescente, se estiver trabalhando, não desfruta de espaço e tempo oportuno para se desenvolver em suas dimensões “físico, mental, moral, espiritual e sociais”. condições de liberdade e de dignidade” (art. 3 ECA)”.*

Fonte: <https://www.brasildefatoma.com.br/2019/06/12/artigo-or-a-infancia-nao-esperar-crianca-nao-trabalha>

Em (10), o trecho consiste em uma crítica às federações esportivas. Dessa maneira, o parágrafo apresentado introduz o assunto, citando alguns pontos negativos. Dentre eles, surge a “falta de estratégia”. No entanto, essa expressão é bastante abrangente, já que se pode pensar no âmbito financeiro, cultural, esportivo etc. Imediatamente, a microconstrução *no que se refere a* é utilizada para, além de retomar a expressão anterior, especificar sobre o campo de que se trata. Assim, é possível perceber que o “aspectos sociais” funciona como classificador do referente, fornecendo uma informação mais objetiva e específica sobre o objeto em questão, ou seja, ela amplia o sentido da falta de estratégia, especificando que ela se relaciona aos aspectos sociais dentro do contexto das federações esportivas brasileiras. Cabe ressaltar que, no âmbito da retomada intraoracional, o referente está mais próximo da microconstrução utilizada. Podemos resumir esse desenvolvimento conforme disposto no quadro (05), a seguir.

Quadro 5 – Retomada intraoracional

Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
<i>falta de estratégia</i>	<i>Em</i>	<i>O</i>	<i>Que</i>	<i>aspectos sociais</i>

Fonte: a autora.

No exemplo em (11), o trecho é iniciado por oração condicional subordinada, “*se o trabalho enobrece e dignifica o homem*”, na sua segunda parte da frase apresenta a consequência da condição, “*ele mortifica suas possibilidades de uma vida digna*”. Aqui, o pronome “ele” refere-se ao trabalho. Assim, a especificação é utilizada para contrapor o argumento da condicional apresentada, em que temos “se P é verdadeiro, Q é falso”, sendo o objeto especificado “crianças”. Dessa forma, esse referente/objeto de discurso, “crianças” recebe o desenvolvimento do discurso argumentativo na segunda parte textual.

Vejamos agora o exemplo (12), de uma ocorrência de *intraoracional*.

- (12) “*Com o novo prazo, os estados terão mais tempo para credenciar os fabricantes das novas placas, explica o Contran.*”

No que diz respeito às regras, a placa Mercosul será obrigatória a partir de 31 de janeiro de 2020 (se não houver mais adiamentos) para veículos emplacados pela primeira vez, nas trocas de município e nos casos de furtos ou danos”.

Fonte: <https://tecnoblog.net/296761/contran-adia-placa-veicular-mercossul-outra-vez/>

Em (12), na primeira parte do texto, temos a oração principal “*os estados terão mais tempo para credenciar os fabricantes das novas placas*”. A segunda parte, iniciada pela microconstrução em análise “no que diz respeito à” especifica o referente “regras”, criando uma relação de concernência e especificação com o referente “*credenciar os fabricantes das novas placas*”, criando uma relação Todo-Parte (vamos aprofundar essa discussão todo-parte, ao longo da análise).

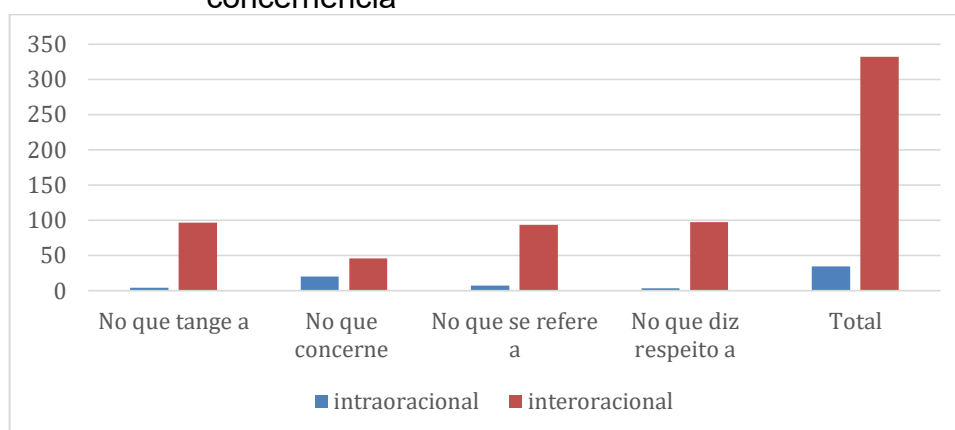
Quadro 6 – Retomada interoracional

Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
, os estados terão mais tempo para credenciar os fabricantes das novas placas	<i>Em</i>	<i>O</i>	<i>Que</i>	<i>regras</i>

Fonte: a autora.

Percebe-se que, mesmo com a diferença no posicionamento da microconstrução no texto, a função das microconstruções permanece basicamente igual. No entanto, entende-se que a intenção, nos casos em que o referente está mais “próximo” ao seu especificador, é exibir uma característica essencial de maneira mais imediata. Vejamos, a seguir, no gráfico (01), o resultado da frequência de ocorrências dos dois tipos de configurações formais da construção de concernência, sendo 34 dados intraoracional (9%) e 332 dados de interoracional (91%).

Gráfico 1 – Configuração (intraoracional/interoracional) da construção de concernência



Fonte: a autora.

Ao examinarmos os resultados dispostos no gráfico (01), constatamos uma quase totalidade de ocorrências das microconstruções topicalizadas. Nesse contexto, sustentamos a hipótese de que a topicalização está associada à primeira

informação, estabelecendo uma continuidade textual com a parte textual precedente. Neste ponto, torna-se relevante revisar a noção de focalização, na qual nos baseamos em Gonçalves (1997, p. 118-9), que:

entendo por Focalização o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de pôr em relevo/realce/ evidência um determinado item do texto, seja (a) com o uso de estratégias propriamente textuais, como a topicalização e a clivagem de sentenças, seja (b) por meio de expedientes prosódicos, como a Entonação, seja (c) com atuação concomitante dos dois.

Dessa forma, a focalização configura-se como um fenômeno de natureza discursivo-pragmático, no qual o usuário orienta sua atenção para uma parte específica do enunciado que considera relevante, destacando-a, ou seja, é dada uma ênfase a uma porção do enunciado.

Castilho explica o seguinte:

A focalização é um mecanismo próprio da estrutura informacional da sentença, acionado sempre que queremos destacar, enfatizar, **pôr em relevo algum de seus constituintes**. [...] a focalização aciona recursos tais como (i) a prosódia, mudando a tessitura do segmento; (ii) a anteposição do segmento; (iii) a utilização de operadores tais como **é que** (clivagem), **só e apenas** (advérbios de focalização) etc. [...] A focalização aparece aqui como um recurso precioso, pois apenas os constituintes de uma sentença podem ser focalizados, seja por meio dos advérbios especializados nesse trabalho, como **só e apenas**, seja por meio da expressão clivadora **é que**. Se a operação não der certo, você achou uma expressão situada fora da unidade sintática sob análise (CASTILHO, 2019, p. 274 -275).
 Funcionando como constituintes em adjunção ao verbo da sentença matriz, elas deveriam aceitar o teste de focalização por meio de **somente e é que** [...]. Admitindo-se que todas elas funcionem como um adjunto adverbial, todas poderiam ser focalizadas. Mas se as focalizarmos, notaremos que elas mostram um comportamento heterogêneo. **Assim, podem ser focalizadas as causais, as condicionais, as temporais, as finais e as proporcionais, estas, na verdade, um subtipo das temporais** (Castilho/Carratore, 1965). **Não podem ser focalizadas as concessivas, as comparativas, as consecutivas e as conformativas, que não são, portanto, sentenças adverbiais** (Castilho, 2019, p. 372, GRIFOS NOSSOS).

Castilho explica que o processo de focalização acontece porque esses constituintes sentenciais funcionam como adjuntos adverbiais. Por fim, o autor alude que “se fôssemos identificar todas as alterações de sentido que as adverbiais provocam na sentença, teríamos uma tipologia inesgotável” (Castilho, 2019, p. 372).

4.2 Construção de concernência: retomada todo-parte especificada

Após explorarmos a frequência de usos da construção de concernência a partir da configuração formal (intraoracional/interacional), passamos a explorar os contextos de usos da construção de concernência. Ao longo de nossa análise, bem como já explicitamos em nossa introdução, a construção de concernência atua na retomada de referentes de enunciados da primeira porção textual e projeto uma especificação desse referente na segunda porção textual. Acreditamos que essa especificação ocorra de duas formas, sendo: (i) retomada todo-parte especificada; e (ii) retomada todo-seleção especificada. Apesar de fazermos essa divisão, esclarecemos que ambos realizam a especificação da segunda parte, porém, nossa hipótese é que essa especificação ocorra dessas duas maneiras, que passamos a explorar na sequência. Vamos iniciar nossa análise da retomada todo-parte especificada.

Neste caso, o que predomina é o critério textual na análise, essencial para a compreensão profunda de um texto, focalizando a organização e a estruturação global da comunicação escrita. Assim, observa-se como as partes individuais de um texto se interrelacionam para formar um todo coeso e significativo. Além disso, investigam-se elementos como a sequência lógica de ideias, a progressão do argumento, a coesão e a coerência entre os parágrafos, bem como a escolha lexical e estilística são utilizados para alcançar determinados efeitos comunicativos.

Entre os contextos de uso das microconstruções do esquema [no que X a Y], em nossos dados, o mais recorrente é a que estamos denominando de “retomada todo-parte especificada”, que retoma um constituinte ou uma ideia já inserida na malha textual, como no exemplo (13), abaixo:

- (13) *A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro, em sua grande maioria, é de convivência com ciclos de desemprego e vulnerabilidade social, cultural, econômica e política. Segundo dados do Observa POA, a taxa de analfabetismo é de 4,03%. **No que concerne às matrículas do Ensino Médio em números absolutos de 2016, foi de 668 alunos, com índice de aprovação de 44% e um percentual de abandono de 14%. A Lomba do Pinheiro conta com 75% dos responsáveis por domicílios sob uma renda média de até 2,07 salários-mínimos**”.*

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/10/pre-vestibular-kilomba-leva-esperanca-a-jovens-da-lomba-do-pinheiro-em-porto-alegre>

Em (13), o texto traz informações específicas sobre a realidade social, econômica e cultural dos habitantes da cidade de Lomba do Pinheiro, no Rio Grande do Sul. Para reforçar a tese do autor do texto, utilizam-se dados obtidos a partir de uma pesquisa e insere no texto nova informação sobre essa realidade “*Segundo dados do Observa POA, a taxa de analfabetismo é de 4,03%*”. Na sequência, temos o uso da microconstrução “*No que concerne a*”, que retomando a expressão “dados do Observa POA”, porém apresenta nova informação, que estamos denominando de especificadora, no caso aqui, “*as matrículas do Ensino Médio*”. Dessa forma, temos, ao mesmo tempo, uma retomada do referente anterior e propulsão de nova informação discursiva.

Conforme Leite & Wiedemer (2021, p. 548),

Ao introduzir um referente na malha textual, o autor utiliza de diversos mecanismos coesivos que auxiliem na progressão do texto para que, ao passo que o diálogo se desenvolva, esse referente continue em evidência. Um dos recursos remissivos para essa organização textual é anáfora encapsuladora, “responsável pela retomada e recategorização de referentes de maneira que a progressão textual ocorre com a utilização de elementos axiológicos” (LUNARDI & FREITAS, 2012: 50). Dessa forma, os usuários constroem objetos de discurso a partir de processo de categorização e referenciação (MONDADA & DUDOIS, 2003: 17).

Voltando ao exemplo (04), vimos que temos a introdução do tópico discursivo “*A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro*”, seguido de um subtópico “*a taxa de analfabetismo é de 4,03%*”. Na sequência, a microconstrução “**No que concerne à**”, em que temos o mostrativo “o”, que apresenta caráter pronominal demonstrativo, promovendo a foricidade¹² do tópico discursivo/subtópico (função de anafórica), bem como dêitica. Além disso, temos a atuação do pronome relativo “que”, que desempenha um papel na correlação entre duas partes do texto, conforme se observa no exemplo. Dessa forma, fornecendo uma especificação desse referente, característico das adjetivas restritivas. Podemos resumir esse desenvolvimento no esquema, conforme quadro (07).

¹² De acordo com Castilho (2010, p. 125), “entende-se por foricidade a operação desencadeada, sobretudo, por itens lexicais que trazem de novo à consideração noções já identificadas anteriormente (anáfora), ou a serem veiculadas posteriormente (catáfora) no texto. Essa palavra deriva do grego phoréo (“trazer”, “conduzir”), cuja contraparte latina é fero, de onde derivou foricitas”.

Quadro 7 – Retomada todo-parte especificada

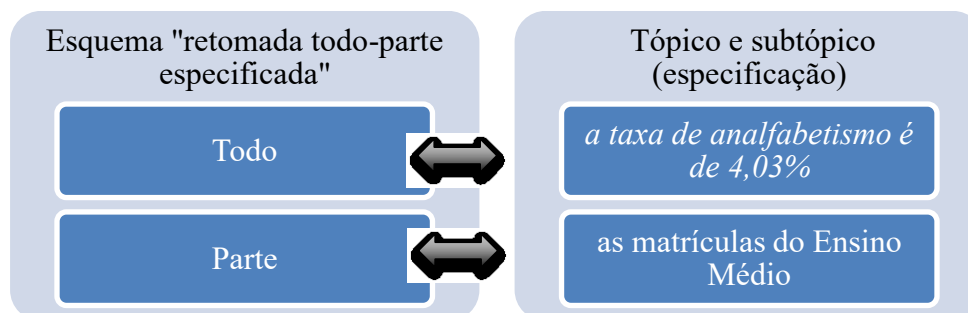
Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronome relativo)	Referência especificadora
“A realidade social das famílias da Lomba do Pinheiro” “a taxa de analfabetismo é de 4,03%.”	<i>Em</i>	<i>O</i>	<i>Que</i>	<i>concerne as matrículas do Ensino Médio</i>

Fonte: a autora.

Assim, a microconstrução “*no que concerne às*” introduz um complemento em relação ao assunto discutido. Nesse caso, ela introduz uma informação adicional sobre as matrículas do Ensino Médio em números absolutos de 2016, mencionando dados específicos sobre essas matrículas, como o número de alunos, índice de aprovação e percentual de abandono. Em termos de desenvolvimento de argumentação, é possível perceber que a expressão é usada para direcionar a atenção ou para introduzir um ponto específico dentro do contexto mais amplo. Com isso, ajuda a segmentar o discurso, indicando uma transição para um novo tópico ou uma explanação mais detalhada sobre um ponto específico.

Como vimos no exemplo em (04), o referente “*a taxa de analfabetismo é de 4,03%*”, na primeira porção textual, nosso tópico discursivo. Na segunda porção textual, temos uma especificação, um subtópico, “*as matrículas do Ensino Médio*”, que retoma um constituinte ou uma ideia já inserida na malha textual, especificando esse objeto de discurso. Vamos denominar esse tipo de ocorrência “retomada todo-parte especificada”, em que temos o seguinte esquema, a seguir.

Esquema 1 – Retomada todo-parte especificada



Fonte: a autora

Ao observarmos nossos dados coletados, encontramos algumas possibilidades de ocorrência desse tipo de estrutura todo-parte. Vejamos o exemplo (14), em que temos novamente essa relação.

- (13) “A Constituição Brasileira promulgada em 1988 pelo Congresso Nacional, também conhecida como Constituição Cidadã, em seu artigo 5 determina que todos os brasileiros são iguais perante a lei. Devemos ressaltar que a Constituição é a lei máxima de um país, à qual todas as outras leis devem se ajustar. **No que diz respeito às leis que regem as aposentadorias no Brasil, é fácil perceber as desigualdades entre os cidadãos.**”

Fonte: <https://correiodoestado.com.br//opinioao/benedito-rodrigues-da-costa-fator-previdenciario-e-crime/347706>

No texto, no qual o parágrafo apresentado se encontra, o autor argumenta sobre como é negativa a existência do fator previdenciário. O trecho (14) inicia o texto, introduzindo o tema. Assim, aborda-se, inicialmente, o termo “lei” de uma forma geral, utilizando como exemplo a Constituição Federal de 1988. Depois disso, utiliza-se a microconstrução para retomar o vocábulo “leis” - presente no período anterior - e especificando um tipo de legislação. Dessa maneira, o leitor compreende qual o assunto principal que será tratado. Representamos o exemplo (05), no quadro, a seguir.

Quadro 8 – Exemplo todo-parte especificada

Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificador a
<i>leis</i>	<i>Em</i>	<i>O</i>	<i>que</i>	<i>leis que regem as aposentadorias no Brasil</i>
TODO				PARTE ESPECIFICADA

Fonte: a autora.

Acreditamos que a repetição como anáfora, além de colaborar na manutenção do referente na malha textual, ajuda na ênfase e destaque do termo, como recurso argumentativo. Assim, ao repetir a expressão, além da indicação do

referente, temos a ênfase no conceito acionado, o que colabora para a relevância desse lexema dentro do contexto do texto.

O termo “concernência” refere-se a uma propriedade, uma particularidade que constrói uma relação, uma conexão. Em alguns dados, a especificação do referente na primeira porção textual não é associada a um referente específico, mas a um tópico discursivo. Vejamos o excerto em (14), em que a microconstrução não recupera apenas um termo ou uma expressão, mas toda uma ideia apresentada anteriormente, auxiliando também na continuidade da argumentação. Apesar da retomada de ideia, é perceptível também o caráter especificador dessa microconstrução, gerando o esquema todo-parte.

- (14) *“Aliás, a edição de normas tendentes a conferir eficácia a princípios constitucionais é, lamentavelmente, usual no Brasil. São incontáveis as leis e normas infra legais cujo propósito é fazer valer tais princípios. Pensamos que a reprodução em textos normativos de regras e princípios constitucionais, dotados de eficácia plena e aplicabilidade imediata, é absolutamente reprovável pois, a par de impor elevados custos à máquina estatal, é elemento de desvalorização do texto constitucional.*

No que concerne à *liberdade de atividade econômica, a única norma constitucional que depende de integração por lei é a que prevê o abuso do poder econômico, com o objetivo da dominação dos mercados, eliminação da concorrência e o aumento arbitrário dos lucros, conforme disposto no artigo 173, §4º da Constituição Federal”.*

Fonte: <https://www.conjur.com.br/2019-jun-29/opinio-alguns-reflexos-tributarios-mp-liberdade-economica>)

No exemplo acima, trata-se de um recorte de um texto que apresenta questionamentos do autor sobre normas e leis brasileiras. Antes de utilizar a microconstrução destacada, fala-se sobre diretrizes que são criadas para princípios que já existem na Constituição Federal.

Assim, o período iniciado com “*no que concerte a*” traz uma nova informação, mas, além disso, retoma o tema que já vinha sendo abordado no texto, sem fazer referência a nenhum termo ou expressão específicos, apenas à temática. “*No que concerne à liberdade de atividade econômica*” indica que a informação que segue está relacionada à liberdade de atividade econômica e serve para esclarecer ou detalhar algo específico sobre esse aspecto. Assim, vimos que a microconstrução é usada para delinear um ponto particular dentro de um tema mais amplo, ajudando a focar a discussão nesse ponto específico da liberdade de atividade econômica em relação à integração por lei da norma constitucional sobre abuso do poder

econômico. De acordo com Marcuschi (2005), "não é qualquer coisa que se deixa de especificar, mas o que se supõe ser de fácil preenchimento pelo receptor do texto" (p. 85).

Sobre isso, ainda, vale apontar que a referenciação e a progressão referencial consistem na construção e na reconstrução de objetos de discurso, respectivamente, no sentido que, para haver continuidade ou encaminhamento textual, os referentes construídos, ou inseridos no texto, precisam ser retomados ao longo do texto (KOCH, 2002, 2004, 2014); caso contrário, o que se verá é um texto circular, sem progressão referencial (SOUZA; PENHAVAL & CINTRA, 2018, p. 165).

Quadro 9 – Exemplo todo e especificação

Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
<i>Porção textual</i>	<i>Em</i>	<i>o</i>	<i>Que</i>	<i>concerne à liberdade de atividade econômica</i>
TODO				ESPECIFICAÇÃO

Fonte: a autora.

Em vários exemplos, além da recuperação do tópico e a sua especificação, pode-se considerar que há a propulsão de um novo referente. Isto porque traz uma informação nova ao texto, mesmo que ela esteja relacionada à temática abordada.

Dentre as (re)categorizações realizadas durante o processamento discursivo, destacam-se as formas anafóricas que atribuem qualificações a uma porção textual ou que executam operações de nominalização. Em outras palavras, essas são rotulações resultantes de encapsulamentos operados sobre antecedentes ou subsequentes textuais, conforme discutido por Koch (2005). Esse processo, ao conectar partes do texto, não apenas qualifica uma porção já apresentada, mas também introduz informações novas que se relacionam com dados previamente fornecidos ao leitor no próprio texto ou que são do conhecimento contextual. Assim, além de desempenhar um papel na (re)categorização textual, essa prática também se configura como uma forma de progressão textual.

Em alguns casos, a primeira porção textual, que apresenta o referente, este pode ocorrer de forma implícita. Vejamos o exemplo (15), a notícia apresentada no link abaixo traz uma acusação que ainda estava sendo investigada. Ao final do texto, apresenta-se a nota do advogado de defesa do acusado, que está no trecho abaixo:

- (15) *“Ótima Noite, estimado Rodrigo Gonçalves Mota, representante do G1 e da TV Anhanguera, fui constituído pelo Dr. Matheus Ferreira Machado, para atuar, conjuntamente com o Dr. Ailton, colega advogado, no ato procedimental de declarações para esclarecimento do fato, em atendimento à convocação da Autoridade Policial de Santa Helena de Goiás GO. Nesta nota à imprensa, esclarecemos que o Dr. Matheus Ferreira Machado é médico muito bem-conceituado junto à população de Santa Helena de Goiás, com reconhecimento pelos excelentes serviços médicos prestados à população da Região, já tendo sido elogiado em diversas oportunidades, por ter implementado uma atuação de integração entre a equipe médica, o paciente e a família, com otimização nos resultados de restabelecimento da saúde dos pacientes. **No que concerne ao** fato apurado, optamos por reproduzir o teor da nota à imprensa de redação do próprio Dr. Matheus Ferreira Machado (...).”*

Fonte: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/05/28/corpo-de-idosa-que-morreu-apos-plantao-medico-ficar-com-estudante-e-exumado-em-santo-antonio-da-barra.ghtml>

Cabe ressaltar que a nota não explica o ocorrido, ou seja, que não tem um antecedente linguístico explícito, exigindo que o leitor se baseie no próprio contexto textual, a partir de um item lexical antecedente, para inferir o seu referente. Logo, caso apenas a explicação do advogado fosse lida – sem conhecimento da notícia – o interlocutor não conseguiria compreender sobre o que se trata o “fato apurado”, expressão que aparece após a utilização da microconstrução. Dessa forma, temos uma implicatura da informação, que necessita de uma informação externa ao texto. De qualquer forma, na segunda porção textual, temos a especificação, ou seja, o esquema todo-parte, conforme representamos, a seguir.

Quadro 10 – Exemplo todo-especificação e tópico e referência especificadora

Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
<i>morte de idosa por possível negligência</i>	<i>Em</i>	<i>O</i>	<i>Que</i>	<i>fato apurado</i>
TODO				ESPECIFICAÇÃO

Fonte: a autora.

Dessa forma, percebe-se que, com a utilização das microconstruções, é possível realizar uma retomada a um termo/ideia, mesmo que ela não apareça de forma explícita no texto. Apesar de, no caso do exemplo (16), dois textos - de diferentes gêneros - serem apresentados no mesmo link, a possível morte de uma idosa, por negligência médica, está encoberta pelo uso da expressão “fato apurado”. Pode-se supor que citar o tal “fato” é algo que um advogado evitou, para não prejudicar seu cliente.

Em alguns casos, a ordem da especificação pode ocorrer de forma invertida, porém a frequência de usos desse tipo de estrutura é baixa, com apenas três dados. Vejamos o exemplo em (16) que apresenta a inversão.

- (16) “**No que diz respeito à** educação continuada, a empresa Safety auxilia a Radus no treinamento e capacitação sobre segurança da radiação, operação de equipamentos e tabelas de exposição, de modo a cumprir a exigência legal de treinamentos periódicos e manter a equipe atualizada.

A clínica tem como grande diferencial o suporte e a presença de um físico médico em sua rotina. Seu papel está intimamente ligado ao refinamento das técnicas clínicas e recursos para otimizar a qualidade a imagem a exposição à radiação aos pacientes e funcionários.”

Fonte: <https://omunicipio.com.br/clinicaradus/>

O texto apresenta diversas informações sobre a Radus, uma clínica de diagnóstico por imagem. No entanto, em nenhum parágrafo anterior ao apresentado aborda-se a questão de treinamento da equipe. Apenas a partir do uso da microconstrução, as informações sobre uma “educação continuada” são apresentadas. Abaixo, nossa representação do exemplo (16).

Quadro 11 – Exemplo de construção todo-especificação

Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
<i>treinamento e capacitação</i>	<i>Em</i>	<i>O</i>	<i>Que</i>	<i>educação continuada</i>
TODO				ESPECIFICAÇÃO

Fonte: a autora.

Assim, percebe-se o caráter catafórico deste tipo de retomada. Isto porque há a antecipação de uma informação que será apresentada, posteriormente, na sequência do discurso. Logo, o uso da microconstrução prepara o leitor para a novidade, facilitando a compreensão e a fluidez do texto. Novamente, aqui também é importante destacar o papel da focalização. Sobre isso, Castilho (2010, p. 274) alude que:

A focalização é um mecanismo próprio da estrutura informacional da sentença, acionado sempre que queremos destacar, enfatizar, pôr em relevo algum de seus constituintes. [...] a focalização aciona recursos tais como (i) a prosódia, mudando a tessitura do segmento; (ii) a anteposição do segmento; (iii) a utilização de operadores tais como *é que* (clivagem), *só e apenas* (advérbios de focalização) etc.

Assim, a focalização é um fenômeno de natureza discursivo-pragmático, onde o usuário direciona sua atenção para uma parte específica do enunciado que considera relevante, destacando-a, ou seja, é dada uma ênfase a uma porção do enunciado.

Como estamos vendo, o esquema [todo=parte] ocorre de diferentes maneiras, ou seja, o usuário da língua lança mão de diferentes estratégias discursivas, entre elas, um recurso que o usuário é a retomada de termos já mencionados através da anáfora por meronímia, conforme exemplo (17), a seguir.

- (17) “Um dos desafios de Ulisses foi enfrentar criaturas marinhas, mitos que fermentam produções culturais desde sempre, sendo a literatura e o cinema alguns dos espaços mais férteis. **No que tange** aos animais marinhos como combustível para a criação de histórias, a memória acerca do assunto é densa. Na Bíblia Sagrada temos uma das mais famosas alegorias envolvendo criaturas que habitam o fundo do mar. É a trajetória de Jonas, personagem título de um dos livros que compõe o feixe canônico

ainda considerado sagrado para muitos seguidores religiosos. Segundo os relatos bíblicos, depois da morte do profeta Eliseu, Deus ordenou que Jonas fosse até Nínive para pregar a “palavra”, haja vista a corrupção que tomava conta do espaço. Desobediente, Jonas não seguiu as ordens do “senhor” e tomou uma embarcação em direção oposta.”.

Fonte: (<https://www.planocritico.com/plano-historico-21-literatura-cinema-e-monstros-marinhos>)

O exemplo acima é utilizado para realizar uma retomada sem repetir um termo ou expressão. O tema do texto é a relação entre literatura, cinema e monstros marinhos. No trecho observado, utiliza-se a expressão “criaturas marinhas”. Logo depois, surge um período iniciado pela microconstrução *no que concerne a*, seguida da expressão - “animais marinhos” - e que, facilmente, o leitor reconhece por já ter lido sobre anteriormente.

Quadro 12 – Exemplo de construção todo-parte

Referente Tópico/Subtópico	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
<i>criaturas marinhas</i>	<i>em</i>	<i>O</i>	<i>Que</i>	<i>animais marinhos</i>
TODO				PARTE

Fonte: a autora.

Vale apontar que sempre haverá diversos aspectos linguísticos que incidem na representação discursiva. A este(s) item(ns) representacional mais proeminente é comumente dado o nome de tópico do discurso ou foco discursivo. Entre as condições para criar essa proeminência está a função gramatical, entre elas, a anafórica. A proximidade de menção, topicalização anterior, primazia de menção no texto e cena discursiva (i. e. o nível de previsibilidade de um elemento textual em determinado cenário/situação) são características da manutenção de um referente, conforme visualizado no exemplo.

Como vimos até aqui, a construção de coesão toda-parte especificada consiste em retomar um constituinte ou ideia da primeira porção textual e projetar uma especificação na segunda parte. Dessa forma, atua como um mecanismo coesivo que retoma e especifica referentes, contribuindo para a progressão textual.

Além disso, essa construção pode ocorrer de maneiras variadas, como retomada todo-parte, inversão e até mesmo por meio de anáfora por meronímia.

4.3 Construção de concernência: retomada todo-seleção especificad

Após explorarmos a análise da construção de concernência (i) retomada todo-parte especificada; passamos a observar, agora, a (ii) retomada todo-seleção especificada. Conforme já esclarecemos na seção anterior, ambas realizam a especificação da segunda parte, porém, na retomada todo-seleção especificada, temos a ocorrência de mais de um referente discursivo na primeira porção textual e a retomada de um desses referentes selecionado/especificado, na segunda parte. Vejamos o exemplo (19).

- (18) *“É preciso dizer que a tarefa a que Hegel se propõe na construção do seu grande enredo dramático da história universal consiste, em primeiro lugar, em isolar os povos, as épocas e os heróis que realmente contribuíram para a efetivação do reino da liberdade. O filósofo vai mostrando, passo a passo, como se deu o desenvolvimento do espírito desde os povos do Oriente, passando pelos gregos e romanos, até chegar a sua própria época, quando os homens já se encontram no interior de um Estado juridicamente constituído, passando a ser senhores autoconscientes de sua existência e a viver conforme as prescrições da razão. A história pode ser vista, assim, como a realização ou efetivação da ideia de liberdade ao longo do tempo, atingindo sua plenitude justamente na forma do Estado moderno, que supera a visão da liberdade vista em termos abstratos.*
***No que concerne a Hegel,** podemos perceber até mesmo certo recuo em face do processo crítico que ele próprio identificou no interior da história. De fato, o filósofo se esforça em mostrar que a história já teria alcançado, em seu tempo, o pleno desenvolvimento da atividade espiritual, ao assumir a forma do Estado de direito. (...).”*

Fonte: <https://jornalggn.com.br/nao-ficcao/lista-de-livros-historia-e-filosofia-de-antonio-jose-pereira-filho-e-rodrigo-brandao%ef%bb%bf/>

No texto do qual foi retirado o exemplo (18), abordam-se as diferentes perspectivas de alguns filósofos bastante conhecidos, como Voltaire e Kant. Os dois parágrafos apresentados falam sobre Hegel. Contudo, é preciso observar que há um

A notícia na qual está presente o trecho destacado afirma que houve uma diminuição no número de roubos no estado de Pernambuco. Porém, sabe-se que a subtração pode envolver diversos produtos e ocorrer em diferentes contextos. Por isso, o subtítulo alerta para a abordagem de dois tipos específicos de roubo: a bancos e ônibus. Assim, a microconstrução retoma um dos referentes apresentados no título, especificando informações sobre ele.

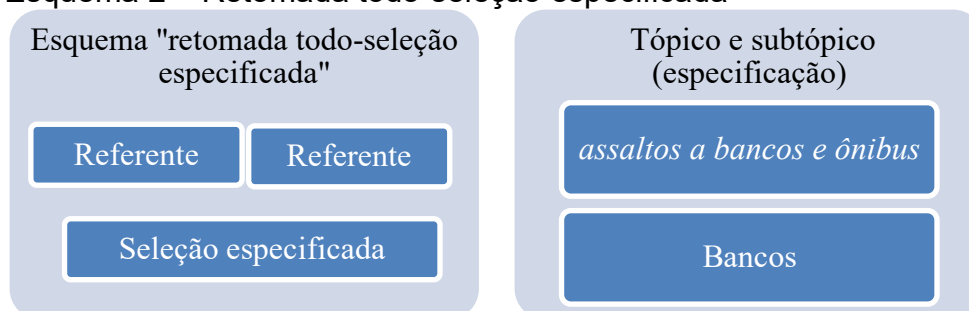
Quadro 14 – Retomada todo-seleção especificada

Referentes	Localização/Ponto de referência (preposição)	Mostrativo (anafórico)	Correlação entre os referentes (pronomes relativos)	Referência especificadora
<i>Bancos / ônibus</i>	<i>Em</i>	<i>o</i>	<i>Que</i>	<i>Bancos</i>
TODO				SELEÇÃO [BANCO] ESPECIFICADA

Fonte: a autora.

Sabe-se que títulos ou manchetes são elementos essenciais em qualquer gênero textual. Isto porque são eles que apresentam um resumo do conteúdo a ser tratado. Ademais, em alguns textos ainda há subtítulos que, geralmente, são utilizados quando um texto aborda muitas informações. Dessa maneira, os subtítulos surgem como forma de especificar algumas das características abordadas, como vimos no exemplo. Assim, a retomada a um termo ou a uma ideia apresentada especificamente em um desses elementos textuais não causa espanto, mas demonstra a importância das informações trazidas neles. Vamos denominar esse tipo de ocorrência “retomada todo-seleção especificada”, em que temos o seguinte esquema, a seguir.

Esquema 2 – Retomada todo-seleção especificada



Fonte: a autora

Como vimos, a retomada todo-seleção especificada também atua na especificação do referente já citado, porém se difere da anterior pelo fato de retomar um dos referentes indicados na primeira porção textual. Acreditamos que tal estratégia se dê para a manutenção da coesão do texto. No primeiro exemplo, a microconstrução "*No que concerne a Hegel*" atua como um conclusivo, proporcionando um fechamento ao apresentar o posicionamento final sobre o tema. Já o segundo exemplo evidencia como a retomada todo-seleção especificada é aplicada nos subtítulos do gênero notícia.

4.4 Construção de concernência: gradiência e significação

Como já apontamos em nossa introdução, ao observamos a composição da construção aqui analisada, encontramos o seguinte quadro, no que se referente a contraparte formal: $[[X_{(\text{referente})} [\text{Preposição}_{(\text{em})} + \text{Mostrativo anafórico}_{(\text{o})}]]_{\text{NO}} \text{ Pronome Relativo}_{(\text{que})} Y_{(\text{referente especificado})}]$ e a sua função: $[Y \text{ retoma } X \text{ para especificá-lo}]$. Como é visível, temos diferentes papéis sintáticos e semânticos atuando na construção. Dessa forma, após a análise da atuação da construção: (i) retomada todo-parte especificada; e (ii) retomada todo-seleção especificada, passamos a explorar a relação de gradiência dessa construção. Nossa primeira etapa é observar se o especificador da construção tem algum papel de atuação na construção.

Em nossa análise, vimos que a retomada do referente ocorre de diferentes maneiras, podendo ser desde um lexema até um tópico discursivo, o que gera diferentes configurações de representação, que estamos denominando de $X_{(\text{referente})}$. Esse referente, em quase sua totalidade, ocorre em parágrafo anterior. Vale lembrar que encontramos apenas três casos de ocorrência no interior de um enunciado, que acreditamos ser um resquício de um processo de mudança gramatical, que depende de investigações futuras.

Passamos a observar, agora, o referente retomado e especificado, que estamos denominando de $Y_{(\text{referente especificado})}$. Dessa forma, após categorizarmos os dados, é categórico a coerção com a classe nominal, que pode ocorrer de diferentes formas, desde substantivos próprios ou simples, pronomes entre outros, porém com

forte frequência de usos de substantivos, podendo ser estes estarem especificados por adjetivos. Vejamos alguns exemplos.

(20) ***Violência volta a ser rotina***

No que diz respeito à violência, o morro acompanha um movimento que se vê em diversas favelas da cidade. Com a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), a partir de 2012, muitos hostels, bares e restaurantes se instalaram em comunidades, atraindo cariocas e turistas nacionais e estrangeiros.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/interdicao-da-niemeyer-volta-dos-troteios-mudam-vida-no-vidigal-23742321>

(21) Se o trabalho enobrece e “dignifica o homem”, **no que se refere às crianças**, ele mortifica suas possibilidades de uma vida digna, visto que essa situação limita, restringe ou até impede o acesso a direitos como saúde, educação, profissionalização, convivência familiar e comunitária. Ademais, o corpo infantil e adolescente, se estiver trabalhando, não desfruta de espaço e tempo oportuno para se desenvolver em suas dimensões “físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (art. 3 ECA).

Fonte: <https://www.brasilefatomg.com.br/2019/06/12/artigo-or-a-infancia-nao-pode-esperar-crianca-nao-trabalha>

Em ambos os exemplos, temos a ocorrência de substantivos simples. Em (20), temos a retomada do mesmo item lexical, violência. Já em (21), o lexema “crianças”, que traz uma especificação do tópico discursivo inserido na porção textual anterior. Também, encontramos substantivos que indicam uma ação, ou seja, nominalizado, conforme o exemplo (22).

(22) O regime especial de compras públicas foi parcialmente restabelecido com a publicação da Lei nº 14.124, em 10/3/2021, mas apenas **no que concerne à aquisição de vacinas e insumos e à contratação de bens e serviços destinados à vacinação contra a Covid-19**. Essa lei guarda muitas similitudes com a Lei 13.979/2020, pois prevê diversas flexibilizações e permissões antes inimagináveis na seara das contratações públicas.

Fonte: https://www.justicaemfoco.com.br/desc-noticia.php?id=141196&nome=ponderacoes_sobre_o_regime_especial_de_contratacoes_publicas_na_covid19.

Em alguns casos, temos a especificação marcada por um substantivo próprio, como em (23), abaixo.

- (23) *Ainda de acordo com a PF, no período de janeiro de 2012 até a última quinta-feira, 23.648 pessoas obtiveram o registro de posse de arma de fogo. “Nesses casos, o civil só pode ter sua arma em casa ou no trabalho. A autorização não permite que ele transite com ela pela rua e todas as vezes que mudar de endereço tem que comunicar à Polícia Federal”, completou.*

*“**No que tange ao Exército Brasileiro**, cabe controlar a expedição do porte de armas de fogo aos seus integrantes orgânicos, permanecendo todos os portes e armas cadastrados no Sigma. Basicamente, no que se refere ao cidadão comum (que não se enquadra em nenhuma categoria profissional com direito ao porte de arma), o Exército é responsável por regular, registrar e fiscalizar as atividades dos colecionadores, atiradores e colecionadores, assim como as armas usadas nessas atividades. Para o exercício dessa atividades, é necessário que a pessoa requeira o Certificado de Registro (CR)”, informou o Exército, por nota.*

Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/10/cresce-numero-de-pedidos-para-obter-certificado-de-registro-de-armas-n.html>

No trecho acima, a microconstrução *no que tange a* insere o substantivo “Exército Brasileiro”, que se refere às Forças Armadas do Brasil e é tratada como um nome próprio por representar uma instituição específica e única. Da mesma maneira, há outros exemplos tendo como complemento palavras que designam um nome específico de pessoa, lugar, objeto ou entidade, diferenciando um indivíduo ou objeto de outros na mesma categoria. Além disso, esse sintagma nominal também recebe, em vários exemplos, determinantes, conforme observamos nos exemplos (24) e (25), a seguir.

- (24) **“Romper o ciclo das desigualdades para erradicar o trabalho infantil**

*O Brasil assumiu o compromisso de erradicar o trabalho infantil até 2025. **No que se refere a nossa legislação**, temos leis que colocam a infância e adolescência na centralidade das políticas públicas e sociais e favorece o respeito às diversas infâncias e adolescências. No entanto, os retrocessos que estamos testemunhando ao longo do ano de 2019 impactam essas políticas.”*

Fonte: <https://www.brasildefatmg.com.br/2019/06/12/artigo-or-a-infancia-nao-pode-esperar-crianca-nao-trabalha>

- (25) *“No caso da “lava jato”, como vimos por meio da leitura das conversas veiculadas, a pessoalidade e o peso das relações pessoais ficam melhor evidenciados, informados por um fim desejado comum. Lá, não houve uma negociação, mas o exercício de um*

*papel inquisitorial por parte do juiz, que deixa de agir como árbitro da causa. E, ao contrário dos acordos feitos no contexto cotidiano que acompanhei, que dão lugar à palavra da Defensoria Pública para as suas realizações, nesse caso de repercussão, inclusive por seus traços políticos e partidários, não houve a participação dos advogados, porque não havia também o que negociar. **No que concerne a esses profissionais liberais**, há, pois, outro elemento que inviabiliza a sua participação em negociações, que é inexistência de “confiança” por parte dos agentes públicos, em relação a eles.”*

Fonte: <https://jornalggn.com.br/artigos/o-contraditorio-e-a-producao-de-acordos-no-processo-penal-por-izabel-nunez/>)

Em (24), o texto aborda um tema que é de interesse social. Por isso, a utilização de um pronome possessivo na primeira pessoa do plural busca demonstrar a necessidade de que todos os indivíduos se sintam envolvidos. Assim como nos outros exemplos, o pronome possessivo está flexionado de acordo com a pessoa à qual uma “responsabilidade” é atribuída. Já em (25), o pronome demonstrativo “esses” é utilizado como estratégia para retomar um termo mencionado anteriormente, substituindo-o de maneira mais concisa. Assim, não há o mesmo sentido de atribuição de responsabilidade quanto nos outros dados.

Entre os usos modificadores do SN, temos em (26), a seguir, um adjetivo qualificador, a escolha dos adjetivos pode refletir a opinião do autor, influenciando a percepção do leitor sobre o objeto descrito, isto porque eles podem transmitir emoções, atitudes ou julgamentos pessoais. No exemplo acima, apesar de se tratar mais de uma característica do que um ponto de vista, há um direcionamento para a interpretação do leitor.

- (26) *“Na terça-feira (22) os vereadores divulgaram o relatório parcial da CPI. O relatório apontou que, com base no depoimento do ex-secretário de Comunicação Eloy de Oliveira dado à polícia, houve aparente lesão ao cofre público **no que diz respeito ao** falso voluntariado da Tatiane Polis. Segundo o documento, ocorreram repasses de valores em dinheiro da empresa DGentil diretamente ligada à voluntária, por ordem do prefeito José Crespo.”*

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2019/04/24/novos-e-mails-revelam-uso-de-dinheiro-publico-para-aco-es-voltadas-a-reeleicao-de-crespo.ghtml>

Em alguns usos, o SN próprio indica um ponto de referência/local, que colabora na especificação do tema, conforme observamos em (27), a seguir.

- (27) *“O levantamento traz os dados de homicídios de todo o Brasil no recorte que compreende os anos entre 2007 e 2017. Segundo o estudo, foram 65.602 pessoas assassinadas em 2017. O número indica o registro de 1.707 mortes a mais que o divulgado pelo próprio fórum em seu anuário, que tem como base os dados das secretarias da Segurança.*

No que diz respeito ao Rio Grande do Norte, o Atlas da Violência aponta para a ocorrência de 2.203 homicídios naquele ano. O crescimento foi de 274% em 10 anos. Com relação a este grupo etário dos jovens, entre 15 e 29 anos de idade, a taxa de registro por 100 mil habitantes saiu de 34,8% em 2007 para 152,3% em 2017. A variação é de 338,1%.”

Fonte: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2019/06/05/rio-grande-do-norte-tem-a-maior-taxa-de-homicidios-de-jovens-do-brasil-diz-atlas-da-violencia.ghtml>

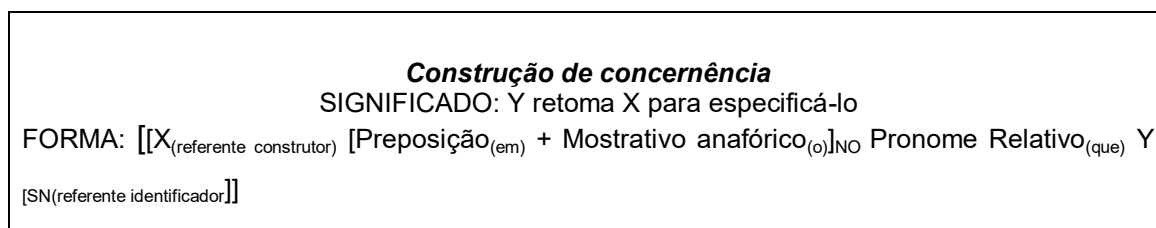
Como vimos nos exemplos acima, apesar de variados tipos de SN, vimos que não há uma correlação do tipo de SN e a modificação do significado da construção. O que se percebe é que a relação especificadora desempenha um papel na coerção desse lexema na construção. Acreditamos que essa restrição do referente Y, pelo fato de ser um especificador, desempenha um papel de indicação de um objeto discursivo, que estamos denominando de referente, ou seja, são as expressões referenciais sobre as quais operam os atos de referência, expressões que, normalmente, são representadas por SNs. Sobre isso, Koch e Marcuschi (2006, p. 382, *italico original*) indicam que:

a referência diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve. [...] os referentes são vistos não como algo que deve necessariamente existir (na condição de indivíduo) no mundo extratexto ou extramente, mas são aqui considerados como “objetos-de-discurso”. É a isso que chamamos de *referenciação*.

Conforme observado na análise, os referentes de Y, na construção examinada, podem abranger referentes de diferentes ordem, compreendendo desde os de primeira ordem (indivíduos), até os de segunda ordem (estado-de-coisas “ações, processos, estados e posições”) e ainda os de terceira ordem (proposições “construtos mentais: crenças, expectativas e julgamentos”) (cf. Hengeveld, 1988, *apud* Camacho et al., 2009).

Segundo Camacho et al. (2009), o ato de referir, em termos pragmáticos, é uma atividade cooperativa do falante, segundo a qual ele refere uma entidade para o interlocutor por meio de um termo. Ainda sobre o assunto, aponta que a referência pode ser: (i) referência construtora: quando um termo introduz uma entidade no modelo mental do interlocutor; (ii) referência identificadora: quando um termo é apenas um modo de ajudar o interlocutor a identificar um referente que já esteja disponível no seu modelo mental (Dik, 1989 *apud* Camacho et al., 2009). Dessa forma, voltando a nossa representação da construção, temos então um referente construtor em X e um referente identificador em Y, sendo este último, tendo coerção à classe dos SNs. Abaixo, agora, temos a representação de nossa construção com essas novas informações.

Figura 8- Construção de concernência com os referentes especificados



Fonte: a autora.

Dessa maneira, um substantivo transcende a sua condição simples de designador da realidade objetiva no momento em que, saindo do seu estado meramente definido em um dicionário (ou seja, seu significado virtual), passa a compor uma construção, mais especificamente um sintagma nominal (SN). Nessa transformação, o substantivo não apenas representa um único membro, mas pode referir-se a mais de um ou a todos os membros de uma classe específica, retirando-os do conjunto ao qual pertencem. A função referenciadora do substantivo destaca-se pela propriedade que ele possui de incorporar qualquer entidade por ele denominada dentro de uma classe determinada.

Na esfera discursiva, o substantivo desempenha uma função de referenciação que contribui para a organização da informação no âmbito discursivo e textual. Portanto, a utilização de expressões nominais,

no âmbito da progressão referencial, o uso de expressões nominais permite “a construção, no texto, de cadeias referenciais por meio das quais se procede à categorização ou recategorização discursiva dos referentes (Koch, 2002, p. 85).

Isso implica afirmar que o significado dos substantivos está intrinsecamente vinculado à situação discursiva e ao conhecimento de mundo dos indivíduos envolvidos na comunicação. Como um componente de referência, o substantivo não pode ser plenamente compreendido isoladamente, pois, de forma essencial, estabelece relações textuais coesivas com outros substantivos que são indispensáveis para uma interpretação adequada. Sobre isso, Neves (2012) indica que:

a necessidade da relativização de fronteiras categoriais no estudo da linguagem, tomando como evidência aspectos da gramaticalização em português, revelados no uso, e, acima de tudo, mostrando que há propriedades da organização gramatical da língua que sustentam todos os processos, por mais singulares ou individualizados que possam parecer ao exame (p. 14) (...) se configuram com zonas difusas na significação, com superposições funcionais e com imprecisão de fronteiras categoriais (p. 112).

Após termos observado a análise do referente X, temos que correlacionar os contextos de usos da construção aqui analisada com a arcabouço teórico da GCBU. Se observamos os resultados até aqui obtidos, vimos o papel relacional da construção, principalmente pelo lexema “que”, bem como o papel adjetival, tanto por essa relação, bem como o papel especificador, algo característico das construções adjetivais. Por outro lado, também é possível depreender o papel adverbial, ou seja, desempenha a função de organizar o texto ou orientar a argumentação que se quer dar (cf. Givón, 2001).

Há de se apontar que qualquer enunciado é formado por uma grade de construções, ou seja, várias construções formam uma construção. Dessa forma, ao analisarmos uma construção, acabamos deixando outros deste enunciado. Sobre isso, Goldberg (2003, p. 221) é enfática ao afirmar que “capturar diferenças nas propriedades de significado ou discurso entre formas superficiais, as teorias construcionais não derivam uma construção de outra, como comumente feito na teoria gerativa dominante”.¹³ Para autora, ainda, uma expressão “real” ou “construção” envolve a combinação de diferentes construções e para demonstrar tal raciocínio, apresenta o seguinte exemplo disposto na Figura (09), a seguir.

¹³ Cf. Original: “To capture differences in meaning or discourse properties between surface forms, constructionist theories do not derive one construction from another, as is commonly done in mainstream generative theory”.

Figura 9 – (a) construção, que é a combinação das diferentes construções em (b)



Fonte: (Golberg, 2003, p. 221).

Ainda sobre isso, Capelle (2006) adverte que as abordagens gerativistas sofrem com a busca um tanto inútil de um padrão subjacente básico do qual o outro padrão é então supostamente derivado. Também Langacker (2008) é enfático ao afirmar que “além disso, retratar a gramática como um sistema meramente formal não é somente um erro, mas é ser mal-intencionado. Eu argumentarei, ao invés disso, que a **gramática é significativa**”¹⁴ (Langacker, 2008, p. 1; GRIFO ORIGINAL/ TRADUÇÃO NOSSA).

É perceptível, na Figura (09), acima, que em um modelo formal, seria necessário para representar todas as seis construções, bem como para apresentar um modelo de *parser* que suportasse a atribuição das especificidades, e ainda desse conta da arquitetura de todos esses níveis, e explicar como isso se dá em termos de processamento, o que parece ser bastante inviável.

Já, em uma abordagem construcional, não é necessário especificar categorias gramaticais, embora haja construções que especificam esses recursos. O potencial criativo da linguagem também deriva desse fato de que as construções podem se combinar livremente, desde que não haja conflitos (Goldberg, 2006, p. 22). Certamente o problema da ambiguidade estrutural está longe de ser central em Gramática de Construções, pois a questão da estrutura hierárquica das representações sintáticas não tem como foco a sentença concreta, uma vez que seu foco está nas construções abstratas subjacentes que se integram para licenciar a sentença concreta.¹⁵

¹⁴ Cf. Original: “Furthermore, portraying grammar as a purely formal system is not just wrong but wrong-headed. I will argue, instead, that **grammar is meaningful**”.

¹⁵ Agradeço ao professor Diogo Oliveira R. Pinheiro (UFRJ) pelas ideias contidas neste parágrafo.

Sobre a questão da representação, Langacker, em entrevista a Diogo Oliveira Pinheiro (2018, p. 36), comenta que:

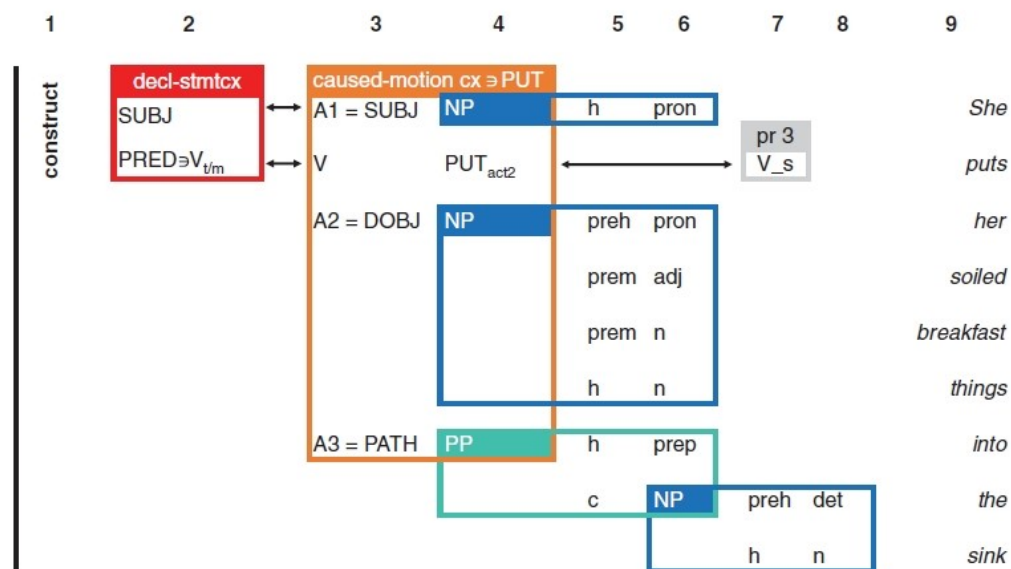
Portanto, ao invés de árvores baseadas em constituintes, a estrutura gramatical caracteriza-se de forma mais geral como grupos de elementos conectados. O mesmo grupo abriga tanto as relações constituintes quanto as relações de dependência; se é mostrado como uma árvore constituinte ou uma árvore de dependência é apenas uma questão de que tipos de conexão querem representar em um único diagrama¹⁶ (TRADUÇÃO NOSSA).

Goldberg & Bencini (2005) também apontam que o objetivo da Gramática de Construções é caracterizar o conhecimento subjacente à capacidade de um falante nativo de compreender e produzir um número indefinido de sentenças e discriminar entre as frases aceitáveis e inaceitáveis de uma determinada língua. Além disso, em uma abordagem construcional, a estipulação de sentidos implausíveis é evitada pelo reconhecimento de que os próprios padrões frasais podem ser associados ao significado.

Em Herbst e Hoffmann (2018), é apresentada uma proposta de representação na forma de uma grade de construção, que indica as várias construções que formam a construção, conforme pode ser conferido na Figura (10).

¹⁶ Cf. Original “so instead of trees based on constituency, grammatical structure is characterized more generally as residing in assemblies of connected elements. The same assembly harbors both constituency relations and dependency relations; whether it is shown as a constituency tree or a dependency tree is just a matter of which sorts of connections one wants to represent in a single diagram” (Langacker, 2018, p.36).

Figura 10 – Grade de construção para “*She puts her soiled breakfast things into the sink*”



Fonte: HERBST; HOFFMANN, 2018, p. 201

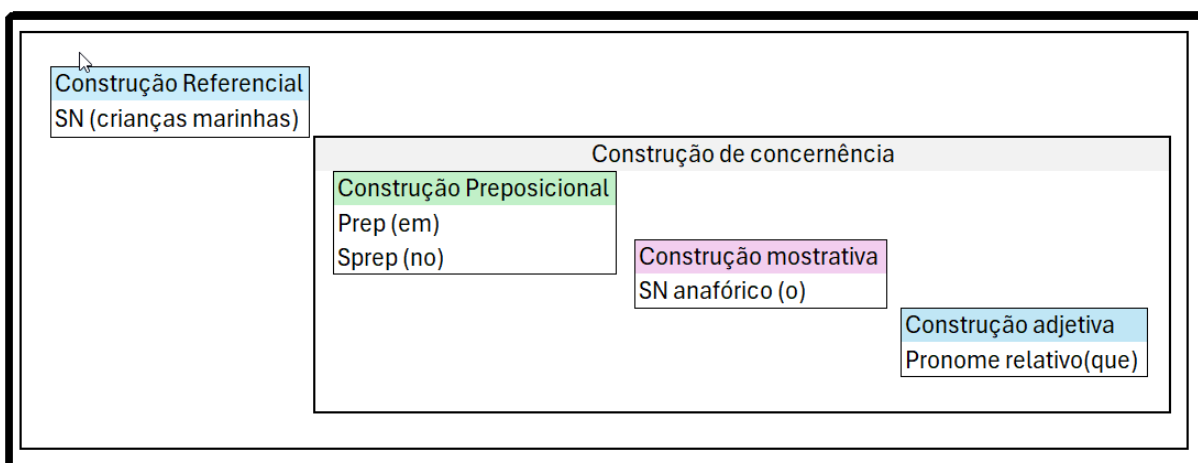
Na Figura (10), acima, em resumo, temos: na coluna 01, a construção; na coluna 02, a semântica da sentença, neste nível, são descritos o tipo de sentença declarativa, para referir a ordem das palavras (o sujeito precede o predicado) e tem a entonação decrescente; na coluna 03, a construção de movimento causado, que é especificada com três argumentos; na coluna 04, a indicação dos *slots* da construção da estrutura de argumentos; na coluna 05 e 09 especificam os constituintes das frases em relação ao seu papel funcional e a realização formal; na coluna 07, se encontra a construção da terceira pessoa do singular do presente, que se conectam às colunas 02 e 03 e 04 e 07; e na coluna 09, há as especificações de unidades lexicais da construção (cf. Herbs; Hoffmann, 2018).

Observando a representação da Figura (10), vemos a relação entre as diferentes construções que compõem uma construção em termos de sobreposição. Uma questão relevante que decorre é a relação entre construções de estruturas de argumento e construções de argumento (cf. Herbst; Hoffmann, 2018). Sobre isso, os autores citam os exemplos das construções bitransitivas (*Peter assou um bolo para Elena*) e de movimento causado (*Peter enviou o livro para Nova York*) de Goldberg (1995; 2006). Para Herbst e Hoffmann (2018), uma maneira de capturar a relação entre construções de valência e construções de estrutura de argumentos é vê-las como mesoconstruções, e as efetivações reinterpretadas como microconstruções

emergentes do uso real da linguagem. Uma alternativa apresentada pelos autores é a visão baseada na Teoria dos Exemplos de Bybee (2013), que assume que essas construções são construções independentes. De qualquer forma, seja a abordagem assumida ou não, é sensato supor que os falantes tenham acesso a ambos os tipos de construções em suas construções mentais, já que são capazes de reconhecer ambos os significados.

Aplicando a proposta de Herbst e Hoffmann (2018) ao nosso objeto de pesquisa, considerado o exemplo disposto no quadro 12, teríamos a seguinte representação.

Figura 11 – Grade de construção de concernência

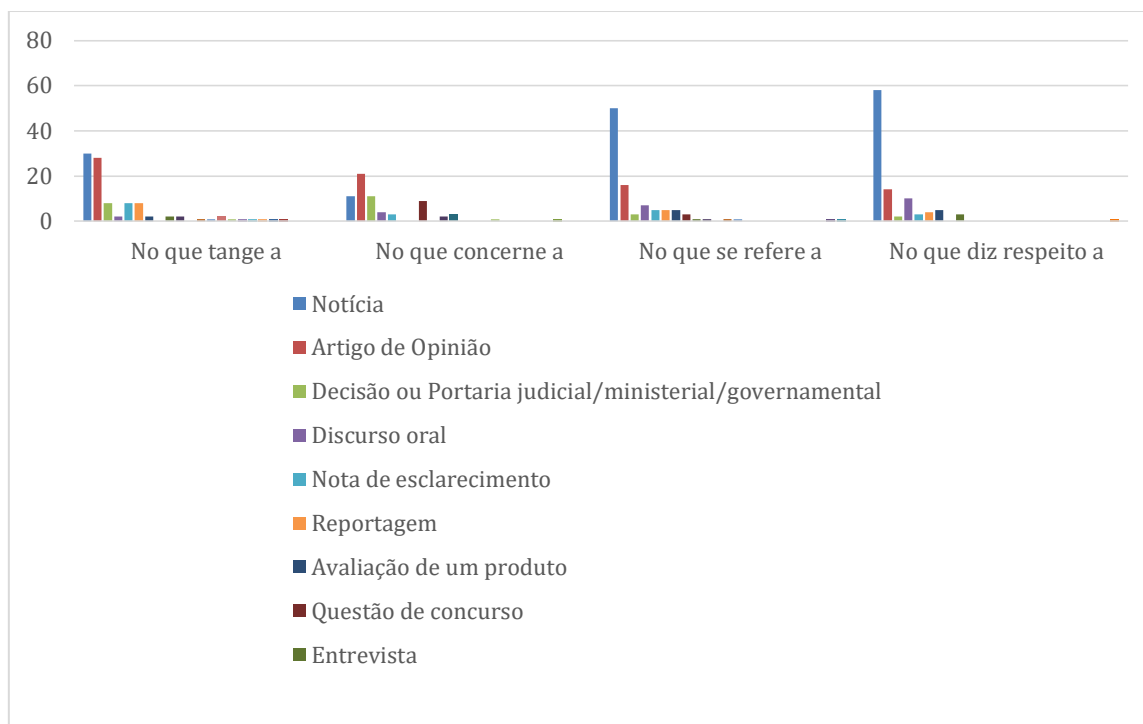


Fonte: a autora.

4.5 Construção de concernência e gêneros discursivos

Como já citado, os dados analisados neste trabalho foram retirados do banco de dados *Corpus do Português*, que abriga exemplos retirados de textos pertencentes a inúmeros gêneros discursivos. Nossa etapa de análise recaí sobre observar a possível correlação entre a microconstrução e o gênero discursivo. A classificação dos gêneros, conforme já apresentamos em nossa metodologia, utilizamos a classificação oferecida no *Corpus do Português*. Vejamos, inicialmente a frequência de usos das microconstruções por gênero discursivo.

Gráfico 2 – Correlação entre as microconstruções e gênero textual



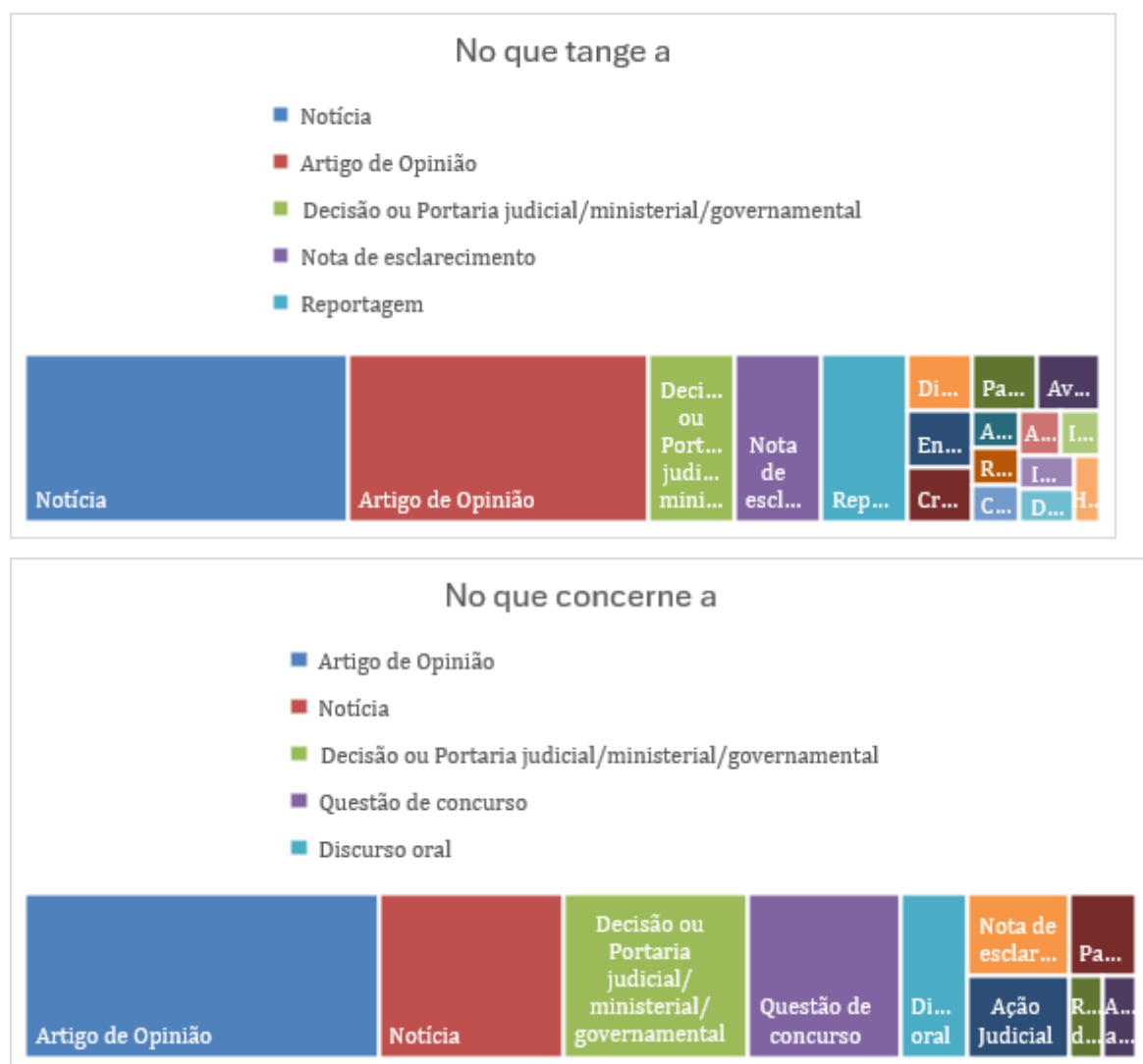
Fonte: a autora.

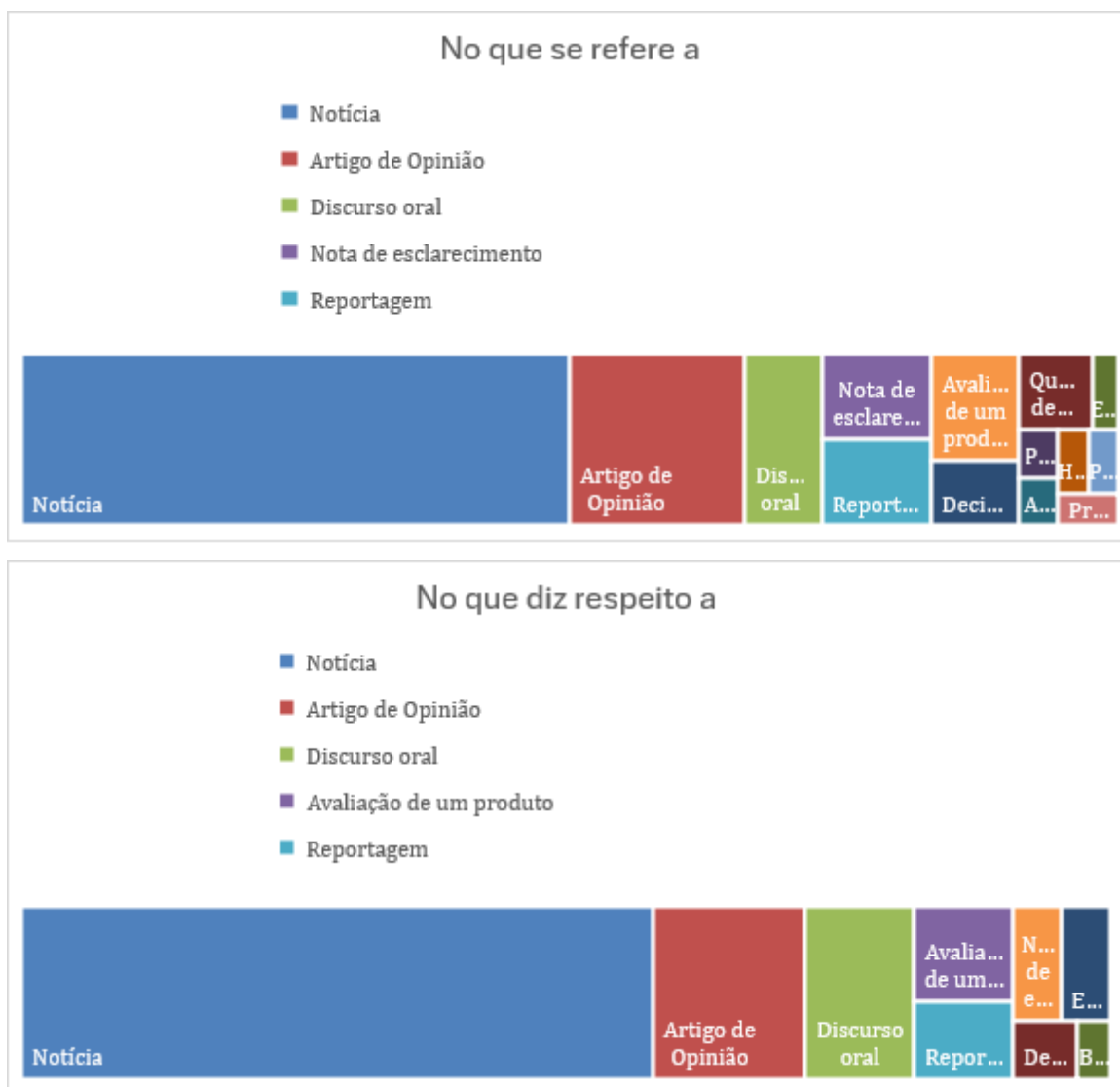
Conforme se observa no gráfico (02), acima, entre os gêneros analisados, temos nove tipos que são mais recorrentes (notícia, artigo de opinião, decisão ou portaria judicial, discurso oral, nota de esclarecimento, reportagem, avaliação de produto, questão de concurso e entrevista). Esse resultado já demonstra uma correlação com o discurso mais formal e as microconstruções aqui analisadas. Percebe-se uma maior correlação com as esferas jornalísticas e jurídicas. Logo, percebe-se que há um caráter mais formal presente no uso das microconstruções citadas. Por outro lado, há alguns dados encontrados em gêneros mais informais, como previsões do horóscopo, avaliações de produtos e discursos orais, por exemplo. Assim, pode-se supor que, mesmo que minimamente, existe uma produção desta microconstrução em contextos mais informais.

Vale apontar que os gêneros discursivos/textuais estão embutidos em paradigmas discursivos, ou seja, refletem convenções associadas a características linguísticas específicas, situando-as em paridade com os padrões convencionais reconhecidos como 'gramática', pelo menos no que tange à expressão do conhecimento dos falantes da linguagem enquanto sistema simbólico (cf. Östman, 2005).

Observemos, agora, a correlação os gêneros discursivos por microconstrução, conforme gráfico (03), a seguir.

Gráfico 3 – Correlação entre gêneros textuais por microconstrução





A microconstrução “no que tange a” é a que mais usada em diferentes tipos de gêneros, com uma correlação de uso em dezoito tipos. Já a microconstrução “no que diz respeito a” é a microconstrução que apresenta menor variação em relação aos gêneros textuais nos quais ela estava presente, mesmo sendo “no que concerne a” que possui menor frequência de uso. Aqui é importante ter em mente que o aumento da frequência de ocorrência/espraçamento aprofunda entrenchamento; e o aumento do entrenchamento pode levar a diferenças qualitativas na representação. Assim, os objetos linguísticos são reconhecidos mais rapidamente e com mais precisão quando acompanhados de informações contextuais.

Nascimento (2022) também aponta em seu estudo uma possível correlação entre as orações adjetivas e o gênero artigo de opinião. Segundo o estudioso, “as construções sintáticas adjetivas só se realizam como fenômenos do discurso,

através da escolha discursiva dentro dos enunciados concretos, que são o próprio palco para os gêneros do discurso” (p. 69). Ou seja, há uma inseparável relação entre a opinião do autor de um texto e a utilização das orações adjetivas.

De acordo com Wiedemer e Machado Vieira (2022, p. 239):

Para buscarmos uma caracterização do discurso em termos de um constructo teórico e uma conceituação, é necessário compreendermos que a coerência textual-discursiva deve ser vista em termos de compreensão sociocognitiva: textos e discursos estão relacionados, são utilizados e transmitidos por uma determinada cultura ou comunidade linguística.

Ao observarmos os resultados empreendidos, há uma predominância de uso dos gêneros notícia e artigo de opinião em todas as microconstruções. Acreditamos que esse resultado esteja relacionado ao teor argumentativo desses tipos de gêneros. Como estamos diante de uma construção que tanto desempenha um papel de relação entre as partes textuais, principalmente, na retomada e especificação de um referente, há também a necessidade, nestas retomadas, da explicação de novas informações, o que possivelmente gere o valor adjetival. Vejamos o exemplo (28), a seguir

- (28) “Vereador tenta – de novo – regulação de FLANELINHAS e lavadores
*O vereador Paulo Sérgio Martins apresentará, nesta terça-feira, projeto que regula o exercício da atividade de flanelinhas e lavadores de carros em Jundiá. **No que se refere aos guardadores**, Martins tentou aprovar proposta semelhante em 2015. Não conseguiu. Segundo a proposta, os guardadores e lavadores dependerão de registro junto à Prefeitura, como profissional autônomo. Quem for flagrado atuando sem o registro será enquadrado nas penalidades previstas no código Tributário e levado para uma delegacia de polícia.*

Fonte: https://jundiagora.com.br/flanelinhas-lavadores/#google_vignette

Em (28), temos a manchete que aponta para dois referentes “flanelinhas” e “lavadores. Após a microconstrução “no que se refere” é utilizada para introduzir uma explicação ou especificação da temática introduzida na manchete, ou seja, o referente “guardadores”. Assim, essa porção textual especificada indica a informação que segue e constrói um argumento para o tema discutido, que é a regulação da atividade de flanelinhas e lavadores de carros em Jundiá.

Os resultados obtidos neste estudo ressaltam a relevância do contexto na interpretação das microconstruções linguísticas, demonstrando que o significado e o uso desses elementos são profundamente influenciados pelo contexto comunicativo em que estão inseridos. Evidencia-se, assim, a complexidade e a maleabilidade da linguagem, que se adapta e se molda de acordo com as exigências do discurso e os propósitos comunicativos. Além disso, observa-se uma forte correlação entre o emprego de construções adjetivas e o registro formal da linguagem, sugerindo que essas estruturas são mais frequentemente utilizadas em textos que requerem uma linguagem mais cuidada e elaborada, como ocorre em contextos acadêmicos ou jornalísticos formais.

Destaca-se também a predominância dos gêneros textuais notícia e artigo de opinião nas análises realizadas, o que se associa de maneira significativa ao caráter argumentativo inerente a esses tipos de textos. Essa observação reforça a importância das construções adjetivas na construção de argumentos sólidos e na persuasão do leitor, pois a escolha e a disposição dos adjetivos têm o potencial de influenciar a percepção e a interpretação do conteúdo apresentado. Dessa forma, a análise das microconstruções linguísticas em gêneros discursivos específicos não apenas enriquece nossa compreensão da linguagem em seu contexto mais amplo, mas também lança luz sobre as estratégias discursivas utilizadas para atingir determinados objetivos comunicativos.

Em suma, os achados deste estudo evidenciam a interação dinâmica entre as construções adjetivas, o contexto comunicativo e os gêneros textuais, destacando a complexidade e a versatilidade da linguagem em sua variedade de manifestações. Ao reconhecermos essas nuances, somos capazes de aprofundar nossa compreensão da linguagem e desenvolver uma consciência mais aguçada das escolhas linguísticas que fazemos em nossas práticas discursivas, contribuindo para uma comunicação mais eficaz e envolvente em diferentes contextos sociais e profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação apresentou a investigação e análise dos contextos de uso da “construção de concernência formada pelo esquema [no que X a Y]”. Para tanto, analisamos os contextos de usos das microconstruções “*no que diz respeito a*”, “*no que se refere a*”, “*no que tange a*” e “*no que concerne a*”, a partir de dados extraídos do Corpus Now. Além disso, procuramos analisar nossa hipótese de pesquisa, em que as microconstruções aqui analisadas sejam utilizadas para retomar referentes de enunciados da primeira porção textual e projeto uma especificação desse referente na segunda porção textual.

Primeiramente, analisamos os contextos de usos das microconstruções, a partir da análise dos lexemas que compõem as microconstruções, bem como a posição dessas microconstruções no enunciado. Na sequência, analisamos e descrevemos a estrutura hierárquica de esquemas, subesquemas e microconstruções, a partir das instâncias de sentido e suas relações semânticas. Por fim, procuramos correlacionar os usos aos gêneros discursivos aos resultados encontrados.

Em relação aos resultados dos contexto de usos, os resultados apontam que a construção de concernência se dá na retomada de um determinado referente entre as duas porções textuais que envolvem a microconstrução. Essa retomada pode ocorrer de duas formas: (i) retomada todo-parte especificada; e (ii) retomada todo-seleção especificada. Além disso, elas podem ocorrer a partir de duas configurações formais, sendo: *intraoracional*, onde temos a realização da retomada de um termo/ideia em um mesmo período em que as microconstruções são utilizadas, ou *entre* porções textuais, parágrafos diferentes, *interacional*.

Em relação à configuração das microconstruções, tanto intraoracionais quanto interoracionais, desempenham um papel crucial na especificação e ampliação de sentido em diferentes contextos textuais. A análise dos dados sugere uma preferência por microconstruções interoracionais, indicando uma associação estreita com a primeira informação apresentada e reforçando SNs já destacados dentro do texto.

Em relação aos contextos de usos, a construção de concernência: retomada todo-parte especificada, a especificação ocorre ao retomar um elemento anterior e introduzir uma nova informação na segunda parte textual. Os contextos de uso das microconstruções são variados, incluindo retomadas de termos específicos, temas gerais e até mesmo a introdução de informações novas. Por exemplo, em um texto sobre normas legais, a microconstrução "No que concerne à liberdade de atividade econômica" é usada para introduzir uma nova informação sobre esse tema específico, contribuindo para a progressão da argumentação. Essas construções também podem antecipar informações futuras, preparando o leitor para o que está por vir no texto. Além disso, as microconstruções muitas vezes atuam como mecanismos de focalização, direcionando a atenção do leitor para partes específicas do texto. Por meio de diferentes estratégias discursivas, como a retomada de termos anteriores ou a introdução de novas informações, e contribuem para a coesão e progressão do texto, promovendo a compreensão e destacando elementos importantes para a argumentação ou narrativa em questão. Assim, desempenham um papel fundamental na progressão e coesão do texto, fornecendo uma transição e uma ênfase aos referentes específicos do discurso.

Já em relação à construção de concernência na forma de retomada todo-seleção especificada, é uma estratégia discursiva para especificar um referente já mencionado na primeira parte do texto, quando há múltiplos referentes na primeira porção textual e é necessário selecionar um específico para retomar na segunda parte.

Vimos também que a construção de concernência, que envolve a retomada de um referente (X) por meio de outro (Y) para especificá-lo, revela diferentes papéis sintáticos e semânticos atuando nessa construção, bem como a relação de gradiência. O referente retomado e especificado (Y) pode variar desde um lexema até um tópico discursivo, ocorrendo principalmente em parágrafos anteriores. A relação especificadora desempenha um papel na coerção do referente Y, indicando um objeto discursivo. Os referentes de Y podem abranger desde indivíduos até estados-de-coisas e proposições. A função referenciadora do substantivo destaca-se pela organização da informação no texto e pela contribuição para a progressão referencial. A análise dos contextos de uso destacou também o papel relacional, adjetival, especificador e adverbial da construção.

A abordagem construcional permitiu compreender a gramática como uma grade de construção, na qual várias construções formam um enunciado. Essa abordagem evita a estipulação de sentidos implausíveis e reconhece que os padrões frasais podem ser associados ao significado. A relação entre construções, considerando-as como mesoconstruções ou construções independentes, ambas acessíveis aos falantes em suas construções mentais, permite uma visão mais ampliada da gramática e do uso.

Em relação a possível correlação entre as microconstruções e o gênero discursivo, os resultados indicam que certas microconstruções são mais frequentes em gêneros como notícia, artigo de opinião e decisão judicial, sugerindo uma associação com discursos mais formais. No entanto, também são encontradas em gêneros informais, como horóscopos e discursos orais, indicando uma produção mínima em contextos menos formais. Acreditamos que essa coerência textual-discursiva é decorrente de paradigmas discursivos assumidos socialmente, visto que textos e discursos são moldados pela cultura e comunidade linguística. Porém, essa questão precisa ser mais aprofundada em pesquisas futuras.

Os resultados revelam uma predominância das microconstruções nos gêneros notícia e artigo de opinião, o que pode ser atribuído ao caráter argumentativo desses gêneros. Em geral, as microconstruções são utilizadas para introduzir explicações ou especificações, construindo argumentos dentro do texto. Isso ressalta a importância do contexto na compreensão das microconstruções e sugere uma correlação entre construções adjetivas e textos mais formais, o que favorece a predominância dos gêneros notícia e artigo de opinião nas análises.

Em síntese, esta dissertação empreendeu uma investigação minuciosa sobre os contextos de uso das microconstruções "no que diz respeito a", "no que se refere a", "no que tange a" e "no que concerne a", com base em dados provenientes do Corpus Now. A análise dessas microconstruções revelou padrões claros de retomada e especificação de referentes entre porções textuais, tanto intraoracionais quanto interoracionais. A compreensão da estrutura hierárquica dessas construções, bem como sua relação com os gêneros discursivos, contribuiu para uma visão mais abrangente da gramática e do uso da língua, destacando a importância do contexto na interpretação dessas construções.

Os resultados obtidos indicam que as microconstruções desempenham um papel fundamental na coesão e progressão do texto, atuando como mecanismos de

focalização e ênfase em referentes específicos do discurso. Observou-se uma preferência por microconstruções interoracionais, especialmente em gêneros como notícia e artigo de opinião, o que sugere uma estreita associação com textos formais e argumentativos. No entanto, também foi identificada sua presença em gêneros mais informais, ressaltando a complexidade dessas construções linguísticas. Nesse sentido, esta pesquisa contribui para uma melhor compreensão da gramática do LP e oferece insights valiosos para estudos futuros sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BACHUR, S. A. B. A. *Processos referenciais anafóricos em redações de vestibular: uma estratégia textual-discursiva*. 2016. 200 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BASÍLIO, M. *Formação de Classes de Palavras no Português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed., rev. amp. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, E. B.; SILVA, L. M. *Abordagem funcionalista da oração adjetiva: uma intervenção pedagógica no ensino fundamental*. Entrepalavras, v. 10, n. 2, 2020.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representation of constructions. In.: HOFFMANN, Thomas Hoffmann; TROUSDALE, Graeme (Eds.), *The Oxford handbook of Construction Grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 49–69.
- CAMACHO, R. G. A classe de palavras na perspectiva funcional. In: CAMACHO, R. G. *Classe de Palavras na Perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. p. 29-51.
- CAMACHO, R.G., DALL’AGLIO-HATTNER, M.M., GONÇALVES, S.C.L. O substantivo. In: CASTILHO, A.T., NEVES, M.H.M., ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado culto no Brasil*. v.2: classe de palavras e construções. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 21-83.
- CÂMARA, A. R.; VICENTE, H. S. G. *O estudo da topicalização na língua portuguesa*. 2016.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions, Special*, v. 1, p. 1-28, 2006.
- CASTILHO, A. T. de. Os mostrativos do português falado. In: *Gramática do Português Falado*. As abordagens, vol. 3. Campinas, , 1993. p. 119-45.
- CASTILHO, A. T. de. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de. *Gramática do Português Brasileiro*. – 1ª ed., 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.

COSTA, F. R. G. *Os advérbios preposicionais antes de, diante de, em frente a (de) e em face de: gradiência e fixação de padrões construcionais*. Dissertação de Mestrado (Estudos Linguísticos). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, F. R. G.; WIEDEMER, M. L. O advérbio preposicional antes de em construções hipotáticas de realce não finitas. *Odisseia*, v. 4, n. esp., p. 89-110, 2019.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Construction Grammar. In.: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. p. 463–508, 2007.

CROFT, W. CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. Linguística Centrada no Uso, 2013.

DIESSEL, H.; DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *Usage-based construction grammar*. *Cognitive Linguistics*, v. 2, p. 50-80, 2019.

DIESSEL, H. *The Constructicon: Taxonomies and Networks*. (Cambridge Elements). Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

DU BOIS, J. W. Discourse and grammar. *The new psychology of language*. *Psychology Press*, 2003. p. 53-94.

FORD, C. et al. Social interaction and grammar. *The new psychology of language*, 2003 v. 2, p. 119-143.

FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. Construction Grammar: a thumbnail sketch. In.: FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. (Eds.), *Construction Grammar in a cross-language perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 11–86, 2004.

GIVÓN, T. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. *Studies in language*, 15 (1). Philadelphia: Benjamins, 1991.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*, v.1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructionists Approaches. In.: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, p. 15-31, 2013.

GOLDBERG, A. E. *Explain Me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constrctions*. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A.; BENCINI, G. In.: TYLER, A.; TAKADA, M.; KIM, Y.; & MARINOVA, D. (Eds.), *Language in Use: Cognitive and Discourse Perspectives on Language and Language Learning* (pp. 3-18). Washington, D.C.: Georgetown University Press, 2005, p. 3-18.

GONÇALVES, C. A. V. Focalização: fenômeno discursivo de refletores e flashes. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS* (SÃO PAULO. 1978), v. 21, p. 531-538, 1997.

HERBS, T.; HOFFMANN, T. Construction Grammar for students: A Constructionist Approach to Syntactic Analysis (CASA). *Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association*, v. 6, p. 197-218.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 7ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. Referenciação e organização argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In.: KEMMER, S.; BARLOW, M. (Eds.), *Usage Based methods of language*. Stanford: CSLI Publications, p. 1-63, 2000.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, C. *Complex spatial prepositions from Latin to Castilian*. Societas Linguistica Europaea, 2016.

LEITE, J. G.; WIEDEMER, M. L. Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora de objetos de discurso: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual. In.: ABREU, M. T. T. V.; CORREIA, C. M. C. *Contribuições da Semiótica ao ensino de português no mundo*. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 548-569, 2021.

LUCERO, M. V. P. Clases de partículas: preposición, conjunción y adverbio. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 2004.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 2 vols.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTELOTA, M. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MATEUS, M. H. M. et al. Gramática da Língua Portuguesa, 5ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

NASCIMENTO, Zacarias Santos et al. *Domínios — Gramática da Língua Portuguesa* 2 ed. Lisboa: Plátano Editora, 2011.

NEVES, M. H. de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática. *Revista Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, M. R de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA & ROSÁRIO (orgs.). *Linguística Centrada no Uso-teoria e método*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina/ FAPERJ, 2015, p. 22-35, 2015.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction Discourse: a prolegomenon. In: FRIED, Mirjam (ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 121-144

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural. 2016.

PINHEIRO, D. Linguística Funcional-Cognitiva: fundamentos teóricos e aplicação ao ensino de língua. In: FREITAS Jr., R. (orgs.); SOARES, L. A. A. (orgs.); NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – volume I*. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2020.

NASCIMENTO, S. F. G. *Construções sintáticas adjetivas como enunciados concretos no gênero artigo de opinião*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

RAMOS, M. A. B.; SILVA, C. R. Hipotaxe adverbial e gramaticalização: a função junctiva de advérbios e preposições em artigos de opinião. *ReVEL*, v. 12, n. 22, p. 80-97, 2014.

RODRIGUES, V. V. Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional-discursiva. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p.535-560, 2018.

ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. *Linguística centrada no uso*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, p. 36-50, 2015.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. *Funcionalismo e abordagem construcional da gramática*. Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto), v. 60, p. 233-259, 2016.

SCHLEE, M. B. Gramática da Língua Portuguesa para leigos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. *Revista Soletras*, n. 37, 2019.1, p. 59-82.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Paradigma discursivo como (proto)construção: alternância linguística via práticas sociocomunicativas. In: MACHADO VIEIRA, M. S.; MEIRELLES, V. *Variação em português e em outras línguas*. São Paulo: Blucher, p. 233-268, 2022.